

PALESTRAS

POR

KRISHNAMURTI

EM AUCKLAND — 1934

1945

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Rio Branco, 117-2.º Andar, Sala 203
RIO DE JANEIRO — BRASIL

P A L E S T R A S

POR

KRISHNAMURTI

EM AUCKLAND

1934

1 9 4 4

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
AVENIDA RIO BRANCO, 117-2.º — SALA 203
RIO DE JANEIRO
BRASIL

Copyright 1934 by
The Star Publishing Trust
Issued By

2123 North Beachwood Drive, Hollywood, California

Direito de tradução em português da
Instituição Cultural Krishnamurti

PRIMEIRA PALESTRA NO PALÁCIO
DA MUNICIPALIDADE DE AUCKLAND
(28 de Março de 1934)

Amigos:

Penso que cada um de nós está enredado num problema religioso ou numa luta social, ou num conflito econômico. Cada indivíduo sofre pela falta de entendimento dêsses vários problemas, e procura resolver cada um dêles separadamente; isto é, se tiverdes um problema religioso, pensais poder resolvê-lo abandonando os problemas econômico e social e dedicando-vos inteiramente a êle; ou pensais poder resolver o problema econômico confinando-vos inteiramente a êsse particular conflito. Digo-vos porém, que não podeis resolver êstes problemas separadamente; não podeis resolver o problema religioso isoladamente, nem o econômico, nem tão pouco, o social, mas fá-lo-eis verificando a relação de interdependência que entre si teem os problemas religioso, social e econômico.

O que denominamos problemas são apenas sintomas que aumentam e se multiplicam porque não consideramos a vida como uma unidade, mas, a dividimos em problemas religiosos, sociais e políticos. Se olhardes tôdas as diversas soluções que nos são oferecidas para os vários males do mundo, verificareis que elas tratam dos problemas separadamente, como se estivessem fechados em compartimentos estanques, e, assim, não encaram compreensivamente os problemas religioso, social e econômico como um todo. Ora, a minha intenção é demonstrar que, enquanto tratarmos cada um dêsses problemas separadamente, aumentaremos a incompreensão e, portanto, o conflito, e, com isto, o sofrimento e a dôr. Enquanto não tratarmos dos problemas social, religioso e econômico como um todo compreensivo e não dividido, percebendo antes a delicada e sutil conexão entre o que denominamos problema religioso, social ou econômico — enquanto não verificardes esta conexão real, esta íntima e sutil relação existente entre os três, seja qual fôr o problema que se vos defronte, não o podereis resolver, apenas aumentareis a luta. Embora possamos julgar ter resolvido um problema, êste surge novamente sob forma diferente e, assim, passamos nossa vida, resolvendo problema após problema, luta após luta, sem compreender completamente o pleno significado da nossa existência.

Assim, pois, para compreendermos a íntima conexão entre o que chamamos problemas religioso, social e econômico, precisa haver uma completa reorientação de pensamento — isto é, cada indivíduo precisa deixar de ser um dente de engrenagem, máquina, tanto na estrutura social como na religiosa. Olhai e verificareis que os seres humanos, em maioria, são escravos, meros dentes nesta máquina. Êles não são realmente seres humanos, reagem apenas contra um dado ambiente, e, portanto, não há verdadeira ação individual, nem pensamento individual; e para descobrir esta íntima relação entre tôdas as nossas ações: religiosas, políticas ou sociais, necessitais pensar como um indivíduo e não como um grupo, não como corporação coletiva. E esta é uma das cousas mais difíceis de fazer, para os indivíduos: abandonar a estrutura social ou religiosa e examiná-la criticamente, para averiguar o que é falso e o que é verdadeiro nela; verificareis, então, que não mais estareis interessados apenas pelos sintomas, porém tentareis descobrir a causa do próprio problema.

Alguns de vós dirão, talvez, quando terminar a minha palestra, que nada vos dei de positivo, com que possais trabalhar de um modo definido, isto é, um sistema para seguirdes. Eu não tenho sistema. Penso que os sistemas são cousas perniciosas, por isso que podem, de momento, aliviar os problemas, mas, se meramente

seguirdes um sistema, dêle sereis escravos. Apenas substituireis o velho sistema por um novo, que não vos proporciona a compreensão. O que traz compreensão não é a busca de um novo sistema, porém descobrir, por vós próprios, como indivíduos — não como u'a máquina coletiva — mas, como indivíduos, o que é falso e o que é verdadeiro no sistema existente, e não substituí-lo por um outro novo.

Ora, ser capaz de criticar, ser capaz de inquirir, é o primeiro e essencial requisito para todo o homem que pensa, para que ele principie a descobrir o que é falso e o que é verdadeiro no sistema existente, e dêsse pensamento surge, assim, a ação e não a mera aceitação. Portanto, durante esta palestra, se quiserdes entender o que tenho a dizer, é preciso haver crítica. A crítica é essencial. Inquirir é justo, porém, fomos acostumados a não perguntar, a não criticar, fomos cuidadosamente adestrados a nos opôr. Por exemplo, se eu vos disser alguma coisa que vos desgoste — como acontecerá, eu o espero — começareis, naturalmente, a vor opôr, porque a oposição é mais fácil do que averiguar se o que eu estou dizendo possui algum valor. Se descobrires que o que estou dizendo tem valor, haverá ação e, assim, tereis que alterar tôda a vossa atitude no que diz respeito à vida. Portanto, como não estamos dispostos a fazer isto, criamos uma hábil técnica de oposição. Isto é, se algo

do que estou dizendo não vos agrada, levantai todos os vossos preconceitos profundamente arraigados e fazeis obstrução; e se eu disser alguma coisa que vos fira ou que emocionalmente vos transtorne, tomais abrigo por detraz dêsses preconceitos, dessas tradições, dêsse fundo de idéias de onde reagis, e a esta reação denominais crítica. Para mim, isto não é crítica. É simplesmente hábil oposição que não tem valor.

Ora, se todos vós fôrdes cristãos — e é de presumir que todos o sejam — talvez eu diga algo que não compreendais e ao invés de tentardes averiguar o que é que vos desejo transmitir, imediatamente vos abrigareis por trás das tradições, dos preconceitos arraigados e das autoridades da ordem estabelecida, e, abrigados defensivamente nessa fortaleza, atacareis. Para mim, isto não é crítica; é maneira hábil de não agir, de evitar a ação completa.

Se quiserdes compreender o que vos vou dizer, eu vos pedirei para serdes realmente críticos, ao invés de hábeis na oposição. O ser crítico exige uma grande dose de inteligência. Criticismo não é septicismo nem aceitação; estas cousas seriam igualmente insensatas. Se meramente disserdes: “bem sou séptico relativamente ao que dizeis”, isto seria tão insensato como a mera aceitação. Ao passo que a verdadeira crítica consiste, não em atribuir valores,

porém, em procurar descobrir os verdadeiros valores. Não é assim? Se derdes valores às coisas, se a mente atribuir valores, então é porque não estais buscando o mérito intrínseco de determinada coisa, — mas as mentes da maioria das pessoas estão adestradas a dar valores. Tomai como exemplo o dinheiro. Abstratamente, o dinheiro não possui valor. Tem o valor que lhe atribuímos. Isto é, se desejardes o poder que o dinheiro dá, utilizá-lo-eis para obter êsse poder, e, por êsse modo, estareis dando valor a algo que intrinsecamente o não possui; de idêntica maneira, se pretenderdes verificar e compreender o que vou dizer, deveis ter esta capacidade crítica, o que é realmente fácil, se desejardes pesquisar, se quiserdes descobrir, e não o é se disserdes: “Não quero ser atacado. Estou na defensiva, tenho tudo o que desejo, estou perfeitamente satisfeito”. Assim, com tal atitude, não há esperança. Estais aqui, então, por mera curiosidade — e, provavelmente, a maioria o está — e o que eu tenho a dizer não terá significação, pelo que direis que é negativo, que nada tem de construtivo, de positivo.

Assim, por favor, conservai em mente que, nesta tarde, vamos descobrir, ponderar juntos, as cousas falsas e as verdadeiras, nas condições sociais e religiosas atuais; e, para isto, peço-vos que não apresenteis continuamente os vossos preconceitos, sejam êles cristãos ou de outra

qualquer seita, porém, adotai, de preferência, uma atitude inteligente, crítica, não somente em relação ao que vos tenho a dizer, como em relação a tôdas as cousas da vida, o que subentende a cessação da busca de novos sistemas, a inatividade na procura de um novo sistema que, uma vez encontrado, novamente será pervertido, corrompido. Na descoberta do que é falso e do que é verdadeiro nos sistemas social, religioso e econômico — falso e verdadeiro que criamos por nós mesmos — na descoberta disso, evitaremos que nossas mentes e corações criem ambientes falsos em que a mente pode novamente ser aprisionada.

Vós, em maioria, estais à procura de um novo sistema de pensamento, um novo sistema de economia, um novo sistema de filosofia religiosa. Porque andais em busca de um novo sistema? Dizeis: “estou descontente com o antigo”, isto é, se realmente estiverdes buscando. Ora, digo-vos: não busqueis um novo sistema, mas examinai, antes, o próprio sistema em que estais encerrados, e então verificareis que sistema algum, seja qual fôr a sua espécie, produzirá essa inteligência criativa que é essencial para a compreensão da verdade, de Deus, ou qualquer outro nome que lhe queirais dar. Isto significa que, não seguindo sistema algum, chegareis a descobrir a eterna realidade; mas, somente chegareis a encontrá-la quando vós, como

indivíduos, começardes a compreender o próprio sistema que haveis construído através dos séculos, e nesse sistema descobrires o que é verdadeiro e o que é falso.

Portanto — peço-vos que tenhais isto na mente — não vos estou dando um novo sistema de filosofia. Penso que tais sistemas são gaiolas para aprisionar a mente. Eles não auxiliam o homem, são meros embaraços. Tais sistemas são meios de exploração. Ao passo que, se vós, como indivíduos, começardes a inquirir, verificareis que, por essa inquirição criareis conflito e, por meio dêste, chegareis a compreender — e não o fareis por meio de um novo sistema simplesmente aceito, que nada mais é que um novo entorpecente que vos faz dormir e vos transforma em outra máquina.

Portanto, decobramos o falso e o verdadeiro nos stemas já existentes — sistemas de religião e de sociologia. Para verificarmos o que é falso e o que é verdadeiro, temos que averiguar em que se baseiam as religiões. Ora, estou falando da religião como forma cristalizada de pensamento, que se tornou o mais elevado ideal das comunidades. Espero que estejais acompanhando o que estou dizendo. Refiro-me às religiões tais quais são, não como gostaríeis que elas fôssem. Tais quais são, em que se baseiam? Qual o seu fundamento? Se verificardes, se examinardes e, de fato, criticamente, pensardes

sôbre isto, sem iniscuir aí vossas esperanças e preconceitos, mas, se realmente pensardes, chegareis à conclusão de que elas se baseiam no conforto que vos proporcionam quando estais sofrendo. Isto é, a mente humana está, continuamente, buscando segurança, uma posição de certeza, quer no que respeita a uma crença, a um ideal, ou ainda relativamente a um conceito, e, por êsse modo, estais sempre buscando uma certeza, uma segurança, em que a mente se abrigue para confortar-se. Ora, o que acontece quando estais continuamente buscando segurança, salvação, certeza? Isto, naturalmente, gera o medo e, quando há temor, deve haver conformidade. Perdão, não tenho tempo de entrar em minúcias. Fá-lo-ei em minhas várias palestras, porém, nesta, quero expôr tudo concisamente e, se vos interessardes, podereis refletir sôbre isto e, depois, poderemos discutí-lo em reuniões de perguntas e respostas.

Assim, pois, as chamadas religiões dão um padrão de conformidade à mente que está buscando segurança requerida pelo medo, buscando conforto; e onde houver busca de conforto não pode haver entendimento. Nossas religiões, por todo o mundo, em seu desejo de oferecer conforto e de vos conduzir a um padrão particular, para moldar-vos, proporcionam-vos vários modelos, moldes, seguranças, servindo-se daquilo que elas denominam fé. Esta é uma das coisas que

elas exigem: a fé. Por favor, não me entendais mal. Não puleis à minha frente. Elas exigem fé e vós aceitais a fé porque esta vos abriga do conflito da existência diária, da contínua luta, dos aborrecimentos, dôres e tristezas. Assim, por meio dessa fé, que tem de ser dogmática, nascem as igrejas, e, em virtude destas, se estabelecem as idéias e as crenças.

Ora, para mim — peço-vos que tenhais isto em mente: desejo que critiqueis e não que aceiteis — para mim, tôdas as crenças, todos os ideais, são um embaraço porque vos impedem de compreender o presente. Dizeis que as crenças, a fé e os ideais são necessários como um farol para vos orientar através do tumulto da vida. Isto é, interessais-vos mais pelas crenças, pela tradição, pelos ideais e pela fé do que pela compreensão do próprio tumulto. Para compreender o tumulto não podeis possuir uma crença, um preconceito; tendes que encará-lo integralmente, defrontá-lo com mente nova, incorrupta, e não com u'a mente que esteja influenciada por um particular preconceito a que chamais ideal. Assim, onde houver busca de conforto, segurança, deve haver um padrão, um molde em que tomamos abrigo e, portanto, começamos a preconceber o que Deus deve ser e o que deve ser a Verdade.

Ora, para mim, existe uma viva realidade. Existe algo que eternamente vem a ser, que é

fundamental, real, permanente, mas que não pode ser preconcebido; êsse algo não exige crença, exige mente que não esteja prêsa a um ideal qual animal amarrado a um poste; pelo contrário, exige mente que se mova continuamente, que experimente e nunca se detenha. Digo que existe uma realidade viva; chamai-a Deus, Verdade ou o que quizerdes, isto é cousa de pouca importância — mas, para compreender isto, é preciso haver suprema inteligência e, portanto, não pode haver conformidade, seja ela qual fôr, mas sim o exame ou a dúvida de tôdas as cousas, falsas e verdadeiras, nas quais a mente está prêsa. E, então, verificareis que a maioria das pessoas, a maioria de vós que sentis inclinação para a religião, estais em busca da verdade e esta própria busca indica que estais fugindo ao conflito do presente ou que vos achais descontentes com a presente condição. Portanto, procurais descobrir o que é o real; isto é, abandonais a condição que cria conflito e fugis tentando descobrir o que é Deus e o que é a verdade. Assim, essa pesquisa é a negação da verdade, porque fugis — há evasão, desejo de conforto, de segurança. Por conseguinte, quando as religiões se baseiam, como está acontecendo, em proporcionar segurança, deve haver exploração; e, para mim, as religiões, tais como existem, nada mais são que séries de exploração. Aquêles que chamamos mediadores entre o nosso

presente conflito e a suposta realidade, tornaram-se nossos exploradores e êles são: os sacerdotes, os mestres, os salvadores; pois, digo que sòmente por meio da compreensão do conflito presente, com tòda a sua significação, com tòdas as suas delicadas nuances — que sòmente por êsse modo — podereis descobrir o que é real e que ninguém a êle vos pode conduzir.

Se tanto o pesquisador como o instrutor soubessem o que é a verdade, então ambos poderiam caminhar em direção a ela; porém o discípulo não pode saber o que é a Verdade. Portanto, a sua pesquisa sòbre a Verdade sòmente pode se exercer no conflito, não fora dêle, e por conseguinte, para mim, qualquer instrutor que descreva o que é a verdade, o que é Deus, nega essa própria cousa, essa cousa imensurável que não pode ser medida por meio de palavras. A ilusão das palavras não pode contê-la e a ponte das palavras a ela não vos pode levar. Somente quando vós, como indivíduo, começardes a perceber, em meio do conflito imenso, a causa e, portanto, a falsidade dêsse conflito é que descobrireis o que é a Verdade. Nisto existe felicidade eterna, inteligência; mas, não nessa cousa espúria chamada espiritualidade, que nada mais é que conformidade imposta pela autoridade através do mêdo. Digo que existe algo de sublimemente real, infinito; porém, para descobri-lo, o homem não pode ser u'a máquina imitadora,

e as nossas religiões, no mundo inteiro, separam as pessoas. Isto é, vós, que pelos vossos particulares preconceitos vos denominais cristãos, e os indianos, que pelas suas crenças particulares se denominam hindus, jamais vos encontrareis. Vossas crenças vos mantêm separados. Vossas religiões vos separam. “Porém, dizeis: “se os hindus se tornassem cristãos, teríamos a unidade”; ou então são os hindus que dizem: “que todos se tornem hindus”. Mesmo que assim fôsse, haveria uma divisão, pois que a crença necessita de divisão, de distinção e, portanto, da exploração e da continua luta da distinção de classes.

Dizemos que as religiões unificam. Ao contrário. Contemplai o mundo dividido em pequenas e estreitas seitas, lutando umas contra as outras para aumentarem o número de seus adeptos, de suas riquezas, de suas posições, de suas autoridades, imaginando que isto é a verdade. Existe somente uma verdade, porém a ela não podeis chegar através de qualquer religião. Para descobrir o que é verdadeiro e o que é falso na religião, não podeis ser u’a máquina. Não podeis aceitar as coisas como são. Fá-lo-eis se estiverdes, satisfeitos, porém, se o estiverdes não me ouvireis e minha palestra será inútil. Mas, se estiverdes descontentes. eu vos auxiliarei a inquirir retamente e, por meio dessa inquirição, descobrireis o que é a verdade, e na descoberta

do que é verdadeiro perceberéis como viver ricamente, completamente, com êxtase; não nessa luta constante, combatendo contra tudo, para vossa própria segurança a que chamais virtude.

Digo-vos, ainda, que êste mêdo é criado pela busca de segurança, e êsse mêdo busca abrigo na sociedade. A sociedade nada mais é que a expressão do indivíduo multiplicada por milhares. Afinal, a sociedade não é alguma coisa misteriosa. Ela é o que vós sois. Ela comprime, controla, domina, torce. A sociedade é a expressão do indivíduo. Essa sociedade oferece segurança por meio da tradição a que chamamos opinião pública. Isto é, a opinião pública diz que a posse de bens é perfeitamente ética, moral, e vos dá distinção neste mundo; confere-vos honrarias; sois, assim, uma pessoa importante neste mundo. Isto é o que, tradicionalmente, está aceito.

Esta é a opinião que, como indivíduos, haveis criado, porque buscais isso. Todos quereis ser alguém no Estado, ou ter o título de "Sir" ou de "Lord" ou algo de semelhante, e isto se baseia no espírito de posse, nas possessões; e isto se tornou moral, verdadeiro, bom, perfeitamente cristão ou perfeitamente hindú. É a mesma coisa. Ora, a isto chamamos moral. Chamamos moral o nosso ajustamento a um molde. Por favor, eu não vos estou pregando o reverso disto. Estou vos evidenciando a sua falsidade. E se desejardes descobrir, agireis, e não buscareis o

oposto. Isto é, considerais as posses, seja de vossa espôsa, de vossos filhos, da vossa propriedade, perfeitamente morais. Agora, suponde que surja uma outra sociedade em que as posses sejam um mal, onde esta idéia da possessividade seja èticamente proibida, introduzida em vossa mentalidade, tal como a possessividade o é, agora, pelas circunstâncias, pela situação, pela educação, pela opinião. Então, a moralidade perde todo o seu significado. Assim, a moralidade é meramente uma conveniência. Não a reta percepção das cousas, mas o hábil ajuste às circunstâncias — é o que denominais moralidade. Suponde que, como indivíduos, não mais desejais ser possessivos, vêde quanto tereis de lutar! Todo o sistema da sociedade nada mais é que possessividade. Se o quiserdes compreender e não vos deixar arrastar pelas circunstâncias tidas como morais, então, vós, como indivíduos, tendes de começar rompendo voluntariamente com êsse sistema, ao invés de vos deixardes arrastar, quais carneiros, à aceitação da moral da não-possessividade.

Ora, vós sois arrastados, quer isto vos agrade ou não, quer penseis ser isto salutar ou não; sois arrastados pelas condições, pelo ambiente que tendes criado, por isso que sois ainda possessivos, e, agora, talvez um outro sistema surja e vos arraste para o oposto — para a isenção da posse. Certamente, isto não é moralidade, mas

apenas tendência, semelhante à dos carneiros, a vos deixardes arrastar pela ambiente, a serdes possessivos ou não-possessivos. Para mim, no entanto, a verdadeira moralidade consiste em compreender plenamente o absurdo do espírito de posse e voluntariamente combatê-lo; em não ser arrastado nem para um lado nem para o outro.

Agora, se atentardes bem, vereis que esta sociedade está baseada no espírito de classe, que é, ainda, o espírito de segurança. Assim como as crenças se transformam em religiões, as posses resultam na expressão da nacionalidade. Assim como as crenças separam as pessoas, limitam-nas, conservando-as divididas, assim também a possessividade, expressando-se sob a forma de espírito de classe e transformando-se em nacionalismo, separa as pessoas. Isto é, todo nacionalismo se baseia na exploração da maioria por parte de uns poucos, em seu próprio proveito, mediante os meios de produção. O nacionalismo, utilizando o patriotismo, como instrumento, é a causa da guerra. Todo nacionalismo, todos os governos soberanos precisam se preparar para a guerra; isto é do seu dever e de nada serve serdes pacifistas e ao mesmo tempo falardes de patriotismo. Não vos é permitido falar de fraternidade e ao mesmo tempo de cristianismo, porque este ultimo a nega; isto acontece na Índia e em qualquer outro país. Na Índia pode-se

falar acerca do hinduísmo dizendo que todos somos um, que tôda a humanidade é uma. Isto nada mais é que meras palavras — hipocrisia.

Assim, todo nacionalismo é um meio para a guerra. Quando falei na Índia, disseram-me (presentemente os hindus sofrem a moléstia do nacionalismo): “Cuidemos primeiro do nosso país, porque há muita gente morrendo de fome; depois poderemos falar a respeito da unidade humana”, é o mesmo que vós aqui dizeis: “Protejamo-nos primeiro e depois falaremos acerca da unidade, da fraternidade e de tudo o mais”. Ora, se a Índia realmente se preocupa com o problema da fome ou se vós realmente vos preocupais com o problema dos desempregados, não podeis tratar somente do problema dos desempregados na Nova Zelândia; êle é um problema humano, não o problema de uma coletividade particular denominada Nova Zelândia. Não podeis resolver o problema da fome como sendo um problema indiano ou chinês, inglês, alemão, americano ou australiano; precisais tratá-lo como um todo; e só podeis tratar dêle como um todo, quando não mais fôrdes nacionalistas nem explorados mediante o patriotismo. Não sois patriotas pela manhã, ao acordar. Só o sois quando os jornais dizem que o deveis ser, porque precisais conquistar o vosso vizinho. Somos nós, portanto, os bárbaros e não os que invadem o vosso território. O bárbaro é o patriota. Para

êle, o seu país é mais importante do que a humanidade, do que o homem; e eu vos digo que não solveis vossos problemas, o problema econômico e da nacionalidade, enquanto fôrdes Neozelandês. Só o solveis quando fôrdes um verdadeiro ser humano, livre de todos os preconceitos nacionalistas, quando não mais fôrdes possessivos, quando vossa mente não mais fôr dividida pelas crenças. Então poderá haver verdadeira unidade humana, então o problema da fome, o problema dos desempregados e o problema da guerra desaparecerão pois que considerareis a humanidade como um todo e não como um povo em particular que pretenda explorar outro povo.

Vêde, pois, o que divide os homens, o que destrói a verdadeira glória de viver, e somente nisto podeis encontrar essa realidade, essa imortalidade, êsse êxtase, mas, para encontrá-la, deveis, antes de tudo, ser indivíduos. Isto significa que deveis começar a compreender e, em virtude disso, a agir, para descobrires o que é falso no sistema existente, e, por êsse modo, vós, como indivíduos, formareis um núcleo. Não podeis alterar a massa. Que é a massa? Vós próprios multiplicados. Esperamos pela massa para agir, na expectativa de que mediante um milagre haja uma completa mudança operada da noite para o dia, porque não pensamos e não queremos agir. Enquanto existir esta atitude de

espera, haverá luta cada vez maior, cada vez maior sofrimento e falta de compreensão; a vida torna-se uma tragédia, uma coisa sem valor. Ao passo que, se vós, como indivíduos, agísseis voluntariamente, por quererdes compreender e descobrir, então tornar-vos-íeis responsáveis, não um reformador, haveria modificação completa, não baseada na possessividade, nas distinções, porém na verdadeira humanidade e nisto existe afeto, pensamento e, portanto, êxtase de viver.

PRIMEIRA PALESTRA NOS JARDINS DA ESCOLA VASANTA

(30 de março de 1934)

Amigos:

Afigura-se-me lamentável que em tão bonita manhã, como é esta, venhamos falar aqui a respeito das múltiplas opressões e crueldades que suportamos cada dia, e das várias explorações que, consciente ou inconscientemente, se efetuam ao redor de nós; e, não obstante, sorrimos, procurando suportá-las, levando uma vida hedionda e feia, esforçando-nos para suportar, de algum modo, os males diários e os infortúnios que se defrontam com cada um de nós.

Ora, se ponderardes sôbre o que está acontecendo, verificareis que, sem embargo de haver esta opressão, esta crueldade, esta extraordinária exploração do indivíduo por indivíduo, todavia estamos continuamente buscando satisfação. Ou vós, como indivíduos, concordais em tolerar estas coisas, ou desejais modificá-las, alte-

râ-las. Ocasionalmente, em momentos de imediato contacto, há um intenso, ardente desejo de modificar, de desarraigar, de viver decente, humana, completamente, e quando este contacto imediato desaparece, em virtude do sofrimento da vida, voltamos à satisfação, à concordância. Portanto, se simplesmente vos achais satisfeitos, isto é, contentes com as coisas do mundo, tais quais são, então nada mais há que dizer; posso afirmar. Se realmente estais satisfeitos, felizes, contentes por continuar como vos achais, com tudo se desmoronando, com tanta corrupção, tanta exploração e crueldade, verdadeiros horrores havendo no mundo, se realmente vos achais satisfeitos com isto, receio que a minha palestra seja completamente inútil. Mas, se desejardes alterar isto, e se pensardes que, como sêres humanos, deveríamos ter um estado diferente, diferentes condições, um ambiente diverso, não somente para uns poucos selecionados, mas para toda a humanidade, então consideremos juntos o problema; não que eu pretenda dogmatizar ou propeler-vos, quer numa quer noutra direção, influenciando-vos para agirdes de um modo particular; porém, ao contrário, refletindo, ponderando juntos, chegaremos a uma conclusão natural, a partir da qual, devemos agir, necessária e naturalmente. Assim, pois, há dois caminhos abertos para cada indivíduo, que consiste ou em remendar, refomar, ou em produzir uma

completa reorientação de pensamento, uma completa mudança.

O que eu chamo remendar é esta contínua modificação no atual sistema de pensamento, conservando, porém, intacto o seu alicerce.

Isto é remendar, não é? Manter as cousas fundamentalmente, como estão, e alterar as dificuldades superficiais, modificar aflições transitórias, mas sem tocar nas cousas fundamentais. Ora, é a um trabalho desta espécie, a um tal pensamento baseado nesta idéia que eu denomino remendo ou reforma. É o mesmo que melhorar os bairros miseráveis da cidade. Não que seja mau melhorar êsses bairros; mas o fato de existirem êsses bairros, que haja pessoas que explorem, que exista esta distinção de classes com as respectivas divisões, êste é o problema, e não quais os melhoramentos que deveis fazer. Até reconhecermos isto, e enquanto não houver uma radical, fundamental mudança, tratar meramente de sintomas não adiantará coisa alguma.

Quero, pois, demonstrar, nesta manhã, que, enquanto o pensamento e, portanto, a ação se basearem nesta idéia de auto-engrandecimento, de auto-crescimento, ou auto-consciência continuamente limitada, haverá problemas surgindo desta consciência limitada. Isto é, se fizerdes qualquer mudança ou reforma social, enquanto o sistema de pensamento estiver baseado na

possessividade, na segurança, nos direitos de propriedade etc., deverá haver problemas que podem ser tratados apenas sintomaticamente, mas não radicalmente. Por exemplo, Senhores, supõe-se que haja uma reforma nas posses; todavia continuais a pensar que é perfeitamente lícito possuídes vosso pequeno trecho de terreno e que todos os demais possuam os seus. Isto é, desejais apegar-vos às vossas posses particulares e permitir que os outros possuam seus bens; ao passo que, a meu ver, a própria idéia de possessividade conduz necessariamente ao conflito com o vosso vizinho e tem que produzir distinções tais como de nacionalidade, consciência de classe, "SNOBISMOS"; e se fizerdes reformas no sentido de saber quanto deveis ou não possuir, então estareis encarando o assunto apenas sintomaticamente e não de modo radical. É o mesmo que ir a um médico que trata apenas dos sintomas e não das causas.

Tomemos outro exemplo. Tratar os sintomas é imaginar que podeis apegar-vos à vossa particular religião e eu à minha, e que sejamos tolerantes. Ora, como vos expliquei em outra noite, para mim, todo o processo da fundação de uma religião provém da adesão a uma crença ou dogma particular. Dizeis-vos religiosos, cristãos, por admitirdes certas crenças, certos ideais, certos dogmas; e a vós próprios dizeis que haverá um mundo perfeito quando tôdas as pes-

soas, no mundo, adotarem vossa particular forma de pensamento; e estamos tentando remendar, reformar esta atitude para com as religiões. Para mim, a verdadeira reforma, a verdadeira mudança, a verdadeira e radical mudança de pensamento não está no remendo, na modificação das religiões, mas na percepção do absurdo delas. Enquanto tiverdes crenças, deve haver divisões. Enquanto estiverdes engaiolados em uma particular forma de pensamento, naturalmente estareis separados de mim e não há contacto humano. Assim, sòmente encontramos preconceitos e não verdadeiro entendimento humano.

Enquanto meramente desejardes reformar, isto é, produzir modificações nos sistemas existentes de pensamento, de cultura, de possessividade, embora momentâneamente possais aliviar o sofrimento, solver os inumeráveis problemas que surgem, estareis apenas adiando, postergando temporariamente a questão fundamental, que é a seguinte: se uma sociedade ou uma cultura deve basear-se no auto-engrandecimento, na possessividade e na exploração.

Portanto, vós, como indivíduos, tendes que descobrir o que pretendeis fazer; se quereis pertencer a uma sociedade, a um sistema de pensamento baseado no auto-engrandecimento, com todos os seus matizes, com tôdas as suas disfarçadas sutilezas; ou se, como indivíduos, per-

cebendo que, enquanto existir este estado, tem que haver guerras, crueldades, explorações, estais preparados para mudar completamente, não agindo sintomaticamente. Como indivíduos, defronta-se-nos este problema, esta alternativa: se devemos agir sintomaticamente, fazendo obra de remendos ou se devemos produzir uma mudança radical no pensamento, não baseada na possessividade e na auto-importância. Ora, semelhante atitude necessariamente produzirá, gradualmente, uma nova sociedade, um novo Estado, uma nova consciência em que não pode haver exploração, em que não pode haver esta incessante luta para viver, simplesmente viver. E só vos preocupareis com esta questão se realmente refletirdes, se vos interessardes, se realmente sofrerdes e se não estiverdes meramente sentados a discutir intellectualmente, a observar teoricamente. Assim, compete a vós decidir, por meio da razão e, portanto, da ação, se, como indivíduos, pelo vosso próprio entendimento, produzireis uma humanidade em que haja verdadeiro entendimento, ou se continuareis nesta luta incessante.

Foram-me enviadas algumas perguntas e vou respondê-las. É isto o que pretendo fazer todos os dias.

P e r g u n t a : Alguns dos meus amigos notaram que, embora achando vossos dizeres in-

tensamente interessantes, preferem mais o serviço do que pensar demasiadamente acêrca das questões sôbre a verdade. Quais as vossas observações sôbre êste ponto?

K r i s h n a m u r t i : Que pretendeis dizer com a palavra serviço? Todos desejam ajudar. É êste o clamor das pessoas que pensam estar servindo o mundo. Falam sempre a respeito do auxílio ao mundo, especialmente aquelas pessoas que pertencem a seitas. É sua particular forma de doença, porque pensam que fazendo alguma coisa, seja o que fôr, estão ajudando, pensam que servindo às pessoas ajudarão. Quem pode dizer o que é serviço? O homem que pertence ao exército, preparando-se para matar os bárbaros que invadem o seu país, diz que está servindo ao país. O homem que mata, o açougueiro, diz que está servindo à comunidade. O explorador, que tem os meios da produção em suas mãos e que a monopoliza, diz que está servindo à comunidade. O homem que explora as crenças, o sacerdote, diz que está servindo ao país, à comunidade. Quem decide?

Podemos ainda encarar isto de modo perfeitamente diferente. Pensais que uma flor, uma rosa, esteja sempre considerando que está servindo à humanidade, que está ajudando o mundo, pela sua existência, por ser bela? Ao contrário, pelo fato de ser bela, supremamente linda,

inconsciente de sua magnificência, é que verdadeiramente ela ajuda. Não assim o homem que percorre as ruas clamando que está servindo ao mundo. Quer isto dizer que cada indivíduo usa dos seus meios ou de suas idéias para explorar o mundo, não para libertá-lo. No que me diz respeito, pessoalmente, se me não entederdes mal, êste não é, absolutamente, o meu ponto de vista. Eu não pretendo auxiliar o mundo como vós o entendeis. Eu não posso ajudar, isto acontece naturalmente. Isto é serviço. Não desejo que outros venham para a minha particular forma de crença nem lhes peço que entrem na minha particular gaiola de pensamento, pois, sustento que ter uma crença é uma limitação.

Para servir realmente, precisamos estar supremamente livres da consciência limitada que denominamos o “eu”, o ego, a consciência ego-centralizada; e enquanto esta existir, não estais realmente servindo ao mundo. A não ser que realmente penseis, não podeis verificar se estais, verdadeiramente, ajudando o mundo. Assim, pois, não cogitemos, em primeiro lugar, se estamos ajudando o mundo, porém verifiquemos, antes, se possuímos capacidade de pensar e sentir. Para pensar verdadeiramente, não deve a mente estar adstrita a uma crença. Isto é muito simples, pois não é? Para realmente pensar profunda, franca e completamente, vossa mente não pode estar atada pelo preconceito ou

por uma certa crença, ou pelo temor, ou por certas idéias preconcebidas. Para pensar, a mente deve começar nova, frescamente, e não com o fundo de tradição. Finalmente, a tradição é valiosa somente quando vos ajuda a pensar, não quando vos sobrepuja com o seu peso.

Deixai que exponha isto de maneira diferente. Todos nós desejamos ajudar. Quando vêdes sofrimento no mundo, há um intenso desejo de prestar auxílio; mas, para verdadeiramente ajudardes outrem, tendes que ir à causa fundamental das cousas. Tendes que descobrir a causa do sofrimento, e somente podereis fazer isto se houver pensamento profundo. E este pensamento não é apenas um mero deleite intelectual, pois, somente pode surgir na ação.

P e r g u n t a : Afirma-se que somente uma ou duas pessoas no mundo podem alimentar a esperança de compreender a importância da vossa mensagem. Portanto, o ensino secundário da moderna Teosofia é necessário, como um substituto, para a salvação do mundo. Que tendes a dizer?

K r i s h n a m u r t i : Senhor, em primeiro lugar, deveis verificar o que tenho a transmitir, antes que possais dizer que isto é impossível.

É isto que eu quero dizer: Todo o nosso sistema de pensamento, de ação e de vida, baseia-se no engrandecimento e crescimento individual a expensas de outrem. Isto é um fato, não é? E enquanto este fato existir no mundo haverá sofrimento, haverá exploração, haverá divisão de classes; e nenhuma forma de religião poderá produzir a paz, por isso que elas são a própria criação das ânsias humanas, são meios de exploração. Essa viva realidade que eu digo existir — chamai-a Deus, verdade, ou o que vos aprouver — essa inteligência suprema que eu digo existir, que afirmo haver realizado, somente pode ser encontrada mediante a libertação dos impecilhos que tendes criado através da busca de segurança e conforto, da segurança oferecida pelas religiões e dessa segurança artificial da possessividade.

Seguramente, compreender o que estou dizendo não é mui difícil. A dificuldade é levar à ação o que estou dizendo. Ora, para levar isto à ação não é necessário ter coragem, mas, antes, compreensão. Nós, em maioria, esperamos que o mundo se modifique ao invés de começarmos por nós próprios. Esperamos que o sistema do mundo altere esta atitude em relação à possessividade, e não tentamos averiguar se nós, como indivíduos, podemos realmente libertar-nos da possessividade. Para compreender isto, esta libertação da possessividade, precisamos desco-

brir, inteligentemente, quais as nossas necessidades. Sabeis, quando descobrires quais são as vossas necessidades, não mais sereis possessivos. Cada homem conhecerá as suas necessidades, mui claramente, mui simplesmente, se abordar o assunto inteligentemente; mas, não pode haver a descoberta das suas necessidades enquanto a mente estiver colhida pela possessividade, pela ganância e pela exploração. Assim, pois, quando descobrires quais as vossas necessidades, não estabelecereis uma transigência entre elas e as condições do mundo que se baseiam na possessividade. Espero haver explicado isto.

O que eu desejo dizer é que não pode haver vitais relações humanas nem o viver na alegre plenitude da vida, no presente — que para mim é a única eternidade — enquanto a mente e o coração estiverem estropeados pelo medo; e, para vencer êste temor, temos criado inúmeros impecilhos, tais como religiões, crenças, possessividades e seguranças. Em virtude disto, como indivíduos, produzimos sofrimento continuamente, aumentamos, sempre, a luta, o caos do mundo. Por certo que isto é, realmente, mui simples, se vos derdes ao trabalho de refletir.

Se realmente quiserdes verificar o que estou dizendo, por favor, examinai uma das idéias que estou expondo e levai-a à ação; então verificareis que se torna prático o que eu digo e não

vago, teórico, impossível de alcançar. Então, não necessitareis de qualquer ensino secundário. Sabeis, esta idéia de que o público não compreende e que por isso é necessário dar-lhe algo que ele compreenda é, realmente, uma hábil modalidade de exploração. É a atitude da classe capitalista. É a atitude do homem que tem muitas posses. Isto é, ele pretende alimentar o mundo, guiar o mundo, quer conduzir outro a outro; ao passo que eu desejo despertar esse outro homem a fim de que ele possa agir por si próprio. Se eu puder despertá-lo para a sua própria força, o seu próprio entendimento, a sua própria responsabilidade, a sua própria ação, então destruirei a distinção de classes. Assim, não o conservarei no jardim da infância para ser explorado, como uma criança, por quem se supõe saber mais do que ela. Esta é a verdadeira atitude das religiões, para que nunca possais descobrir o que é a verdade — que somente uma ou duas pessoas podem descobri-la — portanto, deixai que, como mediador, eu vos ajude; assim torno-me vosso explorador. Este é o verdadeiro processo da religião. É uma hábil maneira de explorar, a de manter, cruelmente, os indivíduos em submissão, tal qual o faz a classe capitalista — uma classe procede, assim, por meios espirituais, e a outra por meios mundanos. Se, porém, as examinardes, verificareis que ambas são explorações cruéis.

Vozes do auditório: Ouçam! Ouçam!

Krishnamurti: Por favor, senhores, não digais “ouçam, ouçam”. O importante é agir, e não concordar intelectualmente comigo. Isso não tem valor. A concordância somente pode efetivar-se na ação. Quer isto dizer que quando dizeis: “ouvi, ouvi”, tendes que resistir sòsinhos contra a sociedade, contra o vosso próximo, contra a vossa família, contra tudo o que a sociedade, através de gerações, tem construído. Isto exige grande percepção, não coragem, não essa atitude heróica perante a vida, porém, sim, grande, direta percepção daquilo que é verdadeiro.

Ora, para mim, a vida não se destina a ser uma escola. A vida não é uma cousa de que possais aprender, ela deve ser vivida — ser vivida supremamente, inteligentemente, divinamente. Ao passo que, se dela fizerdes uma luta constante, uma batalha, um contínuo esforço, então a vida torna-se hedionda; e vós assim a tendes tornado, porque todo vosso pensamento se dedica ao auto-crescimento, a auto-expansão, ao auto-engrandecimento, e, enquanto estas cousas existirem, a vida torna-se uma luta horrível.

É isto, pois, o que eu quero dizer. Seguramente, é mui fácil de compreender. Compreende-se, mui facilmente, em um sentido. Não podemos contudo, alcançar, imediatamente todo o seu

significado. Podemos ver a direção em que êle se encontra, mas, para modificar nossa atitude, deve haver grande aflição, não contentamento, grande e ardente conflito que vos force a descobrir; e só os céus sabem quantos conflitos temos durante o dia inteiro, porém já adestramos nossa mente na astúcia e, assim, passamos sôbre êsses conflitos levemente, fugindo dêles. Dêsse modo, podemos ter conflito após conflito, problema após problema. Nossa mente aprendeu a ser astuta e, portanto, a evadir-se.

P e r g u n t a : Podereis, por favor, explicar, mais minuciosamente, o que quereis dizer com as vossas palavras: "vossos instrutores são vossos destruidores". Como pode um sacerdote, investido nos seus propósitos honestos, ser um destruidor?

K r i s h n a m u r t i : Senhor, porque necessitais de um sacerdote? Para vos manter correto moralmente? É para isso? Ou para vos conduzir à verdade? Ou para atuar como vosso intérprete entre Deus e vós? Ou, meramente, para executar um rito, uma cerimônia de casamento ou de morte, ou um ofício matinal de domingo? Para que necessitais dos sacerdotes? Quando desco-

brirmos porque necessitamos dêles, então verificaremos que êles são destruidores.

Se disserdes que o sacerdote é necessario para manter íntegra a vossa moralidade, então é porque seguramente não mais sois moralizado. muito embora o sacerdote vos force a assim serdes; pois, para mim, a moralidade não é uma compulsão; é uma ação voluntária. A moralidade não nasce do medo, condicionada pela circunstâncias. A verdadeira moralidade é a compreensão voluntária e, portanto a ação. Para mim, pois, o sacerdote é desenecessário para manter vossa integridade. Ou, se disserdes que êle é necessário para vos conduzir à verdade, como mediador, como intérprete, então digo que, tanto vós como o sacerdote, necessitais conhecer o que é a verdade. Para serdes conduzidos a uma parte qualquer deveis saber para onde vos dirigis e o condutor também precisa saber para onde vai; e se souberdes onde está a verdade, não necessitais de um guia. Por favor, isto não é esperteza. São apenas fatos.

Porém, até agora, o que é que temos feito? Temos preconcebido o que seja a verdade, como um contraste, como um oposto daquilo que nós somos. Dizemos que a verdade é tranqüila, que a verdade é sábia, ilimitada. Por não sermos isto, tornamo-la um oposto e queremos que alguém nos ajude a atingí-la. Que significa isso? Querdes alguém que vos ajude a fugir dêste con-

flito para algo que sopondes deva ser a verdade. Portanto, o sacerdote está vos ajudando a fugir das realidades, dos fatos.

Falei com um sacerdote outro dia, e êle me disse que mantinha a sua igreja por haver tanta gente desempregada. Disse êle: “sabeis, os desempregados não possuem lar, não teem beleza, não teem vida, não teem música, nem luz, nem côr, nada; é um horror, uma vida horrível; e se veem, uma vez por semana, à igreja, pelo menos encontram beleza, tranqüilidade, um pouco de perfume, vão-se apaziguados para o resto da semana e voltam novamente”. Não é, por certo, esta a maior das formas de exploração? Quer isto dizer que êste sacerdote particular estava tentando apaziguar os desempregados em seu conflito, tentando tranqüilizá-los, por outras palavras, impedindo-os de se esforçarem para descobrir a verdadeira causa da falta de emprego.

Ora, se dizerdes que os sacerdotes são necessários para executar ritos, as cerimônias do cristianismo, então pesquisemos isto, para saber se êsses ritos e cerimônias são necessários. São? Como a êles não assisto, não posso responder. Para mim êles não teem valor; porém, para vós que os assistis, são valiosos? De que maneira dêles tirais proveito? A êles assistis aos domingos de manhã, sentindo muita devoção, sentindo-vos soerguidos, seja como fôr, mas, durante o resto da semana, sois explorados ou explorais.

Há ainda crueldade e tudo que se lhe segue. Portanto, onde está o valor, a necessidade do sacerdote?

Se disserdes que é um meio para ganhar dinheiro, então colocaremos o assunto em uma categoria completamente diferente. Se meramente o tratardes como uma profissão, tal como a jurisprudência, a do exército, a da armada ou qualquer outra, então é coisa muito diferente e a maioria das religiões, com seus sacerdotes, é isso e nada mais do que isso — uma velha profissão.

Assim, pois, se buscardes um sacerdote para vos guiar como instrutor, eu digo que êle é vosso destruidor ou explorador. Por favor, compreendei que nada tenho contra os sacerdotes cristãos ou hindus — para mim êles todos são o mesmo. Digo que não são essenciais para a humanidade. Por favor, não torneis o que eu digo como autoridade final para vós, isto é, como enunciado dogmático. Examinai-o, considerai-o por vós mesmos. Se aceitardes o que estou dizendo, tornar-me-ei também vosso sacerdote; portanto, tornar-me-ei vosso explorador. Ao passo que se realmente meditardes sobre o assunto, em todos os seus aspectos, não apenas por um momento passageiro, porém completamente, verificareis que as religiões, com todos os seus instrutores sectários, estão, na realidade, mantendo a humanidade dividida. Elas aumentam os horrores da

guerra, as distinções de classe e nacionalidade, e por conseguinte, tôdas essas cousas conduzem à guerra e a maiores explorações em que não existe verdadeiro afeto, verdadeiro amor, verdadeira reflexão.

P e r g u n t a : Há uma vida futura?

K r i s h n a m u r t i : Interessais-vos realmente por isso? Suponho que sim, pois, de outro modo não farieis a pergunta. Agora, esperai um momento. Porque é que perguntais se existe uma vida futura? Sô por divertimento ou curiosidade ou porque estais atemorizados com o presente e, portanto, quereis descobrir o que é o futuro, ou, simplesmente, desejais saber a título de informação? Ora, sabeis que alguns dos modernos cientistas, alguns cientistas bem conhecidos, estão dizendo que existe uma vida futura. Dizem êles que por meio de médiuns podemos descobrir, por nós próprios, que existe uma vida após a morte. Muito bem, tomemos isso como decidido, que ela existe. Que acontece se houver uma vida futura? O que tendes feito ao descobrir que existe uma vida futura? Não sois por isso mais felizes, nem mais inteligentes, nem mais humanos, refletidos e afetuosos. Estais onde estivestes antes. Tudo o que aprendestes é

um outro fato — que existe uma vida depois desta. Pode isto ser um consôlo; porém, o que é que resulta disso? Dizeis: “isto me dá a certeza de que viverei na próxima vida”. Então, o que resulta daí? Mesmo que isso vos dê a certeza de que vivereis, tendes, precisamente, o mesmo problema, os mesmos aborrecimentos, as mesmas alegrias e prazeres transitórios, embora exista uma outra vida. Ao passo que, para mim, embora ela possa ser um fato, isto é de pequena importância. Senhor, a imortalidade, eternidade, ou o que quer que lhe queirais chamar, está agora presente; e o presente só o podereis compreender quando a mente estiver liberta do tempo.

Ora, receio ser preciso que me torne um pouco metafísico, porém espero que vos não incomodeis. Não é, realmente, metafísico. Enquanto a mente fôr escrava do tempo, deve haver o temor da morte, o temor e a esperança de uma vida futura e uma constante inquirição sôbre este assunto. Isto é, onde há temor, existe já uma lenta decadência, u'a morte lenta, embora estejais ainda vivos. A própria pesquisa do futuro indica que já estais morrendo. Para viver completamente, para viver nesta plenitude do presente, no eterno agora, a mente precisa estar liberta do tempo. Não é assim? Não estou usando a palavra tempo no sentido que, por conveniência, geralmente lhe damos: prazo para alcançar

um navio ou tomar um trem, para fixar uma data de um próximo encontro etc., estou usando a palavra com o significado de memória. Se cada manhã nascesseis de novo, renovados, não com tôdas as lembranças de ontem, com todos os fardos, com tôdas as incrustações do passado, então cada dia seria novo, fresco, simples e a capacidade de assim viver é a libertação do tempo. Isto quer dizer que a mente tornou-se um armazem de memórias, atormentada pelo passado, sobrecarregada por inumeráveis experiências que já fizemos.

Espero que, por favor, pensareis comigo a êste respeito, pois, de outro modo, não compreendereis bem. Assim, com a carga do passado, a carga das inumeráveis memórias, defrontamos cada experiência — experiência nova, novo pensamento, novo ambiente, novo dia; sobrecarregados com o lastro do passado, defrontamos o presente. Não é assim? Se sois cristãos tendes como base u'a mente cristã, os dogmas cristãos, crenças, tradições cristãs e defrontais a vida com essas idéias. Ou, se fôrdes socialista ou qualquer outra pessoa, tereis certos preconceitos, certas idéias, certos dogmas bem definidos, e encarais a vida com êsse fundo de idéias, através dêsses óculos. Assim, pois, estais continuamente encarando o presente através do lastro do passado e, por isso, não compreendeis o presente. Há um processo contínuo de incompreen-

são que cria a memória; e, portanto, existe o acúmulo, a acentuação desta memória e, conseqüentemente, o desejo de saberdes se voltareis a viver uma outra vida. Ao passo que, se fôsseis capaz de defrontar tudo como se fôsse novo, com mente não contaminada, não sobrecarregada com o instinto possessivo do passado, ou com a memória de um futuro, então verificaríeis que não existe cousa que seja a morte; verificaríeis que não existe medo. Então a vida se tornaria um êxtase contínuo, não uma luta temível, horrorosa; isto exige, porém grande vigilância, apercebimento de pensamento, de mente e coração no presente.

Receio que o inquiridor esteja desapontado. Ele deseja saber se há ou não há — uma resposta categórica, sim ou não. Lamento não haver resposta categórica a dar. Acautelai-vos com as respostas categóricas: “sim” e “não”. Não é, na realidade, mais importante saber como viver, do que verificar o que acontece quando morreis? É somente aquêle que já está morrendo que deseja saber o que acontece após a morte — não aquêle que está vivendo. Portanto, perguntemos e descubramos se podemos viver rica, humana completa e divinamente, ao invés de averiguar o que está para além. Descobrireis o que está para além, quando souberdes como viver supremamente, inteligentemente. Então averiguareis o que está para além. Assim, essa descoberta não

será uma cousa teórica, porém um fato; então descobrireis que isso tem mui pouca significação, pois, nada existe que seja o além. A vida é um todo completo, sem começo nem fim. Assim, êsse êxtase, essa sabedoria, produz a plenitude do modo de viver no presente.

P e r g u n t a : Tornar-se-á a Grã-Bretanha fascista e êsse movimento será progressista?

K r i s h n a m u r t i : Nenhum movimento baseado na possessividade, mantendo as distinções de classe, encorajando o medo, pode ser um movimento verdadeiro ou progressista. Já li alguns livros fascistas e eles falam acêrca do direito divino de possessividade, conservando as distinções de classe, de nacionalidade, de limitações das fronteiras. Seguramente, êsse não pode ser um movimento humano. Ao passo que, um movimento verdadeiro, capaz de destruir estas cousas, um movimento que auxilie as pessoas a compreender e a pensar, êsse, na verdade, é um movimento real, um movimento espiritual, um movimento humano. Sabeis que êstes movimentos são animados ou desencorajados por indivíduos semelhantes a vós. Se êles satisfazem vossas exigências ou possessividade, se garantem vossa segurança, vossos títulos espirituais

ou mundanos, vós os encorajais e desencorajais os movimentos que se esforçam por diminuir a possessividade, desencorajais os que o procuram diminuir e ajudais a destruir os que demonstram a falsidade dela. Para mim, não existe a possessividade humana instintiva. Tôda a possessividade é uma cousa artificial, criada por uma sociedade artificial e errada. Instintivamente, os seres humanos não são possessivos. Foram adestrados pelas circunstâncias que êles criaram. Portanto, se o fascismo é um movimento progressista ou não, tem pouca importância. O que importa é se vós, como indivíduos, vêdes que enquanto existir no mundo, com seus governos, êste contínuo auto-engrandecimento, esta auto-importância, espiritual ou mundana, subtilmente, consciente ou inconscientemente, deve haver tristeza, contínuos clamores de sofrimento, guerras, exploração, e não haverá o verdadeiro amor. Portanto, compete a vós, como indivíduos, pensar de novo, descobrir, verificar se tôda a vossa base de pensamento e ação se baseia nesta limitada eu-consciência.

SEGUNDA PALESTRA NOS JARDINS DA ESCOLA VASANTA

(31 de março de 1934)

A maioria das pessoas que, pelo menos, são refletidas, desejam averiguar se existe algo que seja mais durável, em que a vida seja mais plena, completa; e imaginam essa realidade como sendo Deus, a verdade ou a própria vida. Ora, para mim, existe esta cousa, que é a realidade; algo que é permanente, completo, eterno, porém, como disse nas minhas duas últimas palestras, a própria busca da verdade é a sua negação, porque essa realidade é para ser descoberta, não para ser seguida. Espero que vejais a diferença. Se vos esforçardes por encontrar a verdade, essa realidade, tendes de saber o que ela é, deveis ter um prévio conceito sobre ela; mas, se começardes a descobri-la, então essa mesma descoberta será real e não mera busca da verdade; desejo, pois, em minha breve palestra desta manhã, ajudar-vos antes a descobri-la e não a segui-la.

Em primeiro lugar, não é correndo atrás da verdade ou da realidade que ela pode ser encontrada; porque, quando buscamos alguma coisa, isto indica que nossa mente, todo o nosso ser está tentando fugir do conflito em que a mente e o coração estão cativos. Ao passo que se poder-mos tornar-nos conscientes, cientes dos muitos impecilhos que criamos através do medo e, se, conseqüentemente, libertarmos a mente dêsse mesmo medo, dêsses impedimentos, descobriremos o que é essa vida eterna. Isto é, ao invés de procurarmos saber o que é a verdade, descubramos quais são os impecilhos que criamos devido ao medo, e, ao compreendermos a causa do medo e os seus múltiplos estorvos, descobriremos o que é essa coisa indescritível.

É inútil falar sobre liberdade a um prisioneiro, a um homem encarcerado, ele saberá o que é a liberdade no momento em que sair do cárcere. Mas a maioria de nós deseja descobrir o que é a liberdade antes de estarmos conscientes do em que consistem as prisões; e enquanto estivermos apenas buscando a liberdade, a realidade, a riqueza da vida, não podemos compreender e a busca será imaginativa, irreal, forjada por mente limitada, consciente. Ao passo que, se pudermos averiguar o que são as paredes das prisões que encerram a mente e o coração, e depois libertarmos a mente dos seus impecilhos,

então, seguramente seremos capazes de encontrar aquilo que é.

Assim, pois, quais são os embaraços que temos criado? Não é, antes de tudo, a autoridade nascida do medo? A mente está colhida por alguma autoridade; impelida, formada, moldada por alguma autoridade externa, seja ela autoridade religiosa ou social ou ainda qualquer autoridade desenvolvida por vós mesmo, em vosso íntimo. Como sabeis, primeiramente aceita-se a autoridade externa; porque somos incapazes de agir, pensar e sentir por nós mesmos, estabelecemos uma autoridade externa, a da religião, a de um mestre, a de um sistema social; e, em seguida, pensamos estar rejeitando aquela autoridade externa, e desenvolvemos uma autoridade interna, uma lei interna que é somente a reação contra a externa. Isto é, ao invés de descobrir o que é essa autoridade externa que estabelecemos para ser nosso guia, rejeitamo-la e pensamos ser necessário descobrir uma lei para nós mesmos, individualmente, a fim de vivermos de acordo com ela. É isto o que fazem quase todas as pessoas. Há uma autoridade externa, objetiva, que elas rejeitam ou compreendem, e criam uma autoridade interna, subjetiva.

Ora, para mim, autoridade, tanto objetiva como subjetiva, é a mesma coisa, porque autoridade implica modelagem, uma imitação, um controle, um condicionamento, seja ela imposta do

exterior ou oriunda de ação e esforço internos. Por isso, para mim, isto é o primeiro estorvo. O homem que compreende não necessita de autoridade. Há somente percepção e esta não requer a imitação da autoridade. Espero que vejais tudo isto. Primeiramente, uma pessoa é escrava da autoridade social e religiosa, e gradualmente, desenvolveis, pelo conflito, pelas dificuldades, aquilo que denominais autoridade subjetiva, e dizeis “é a minha compreensão. Devo obedecer a esta lei que descobri por mim mesmo”. Enquanto a mente fôr meramente o instrumento de obediência, certamente tal mente não pode compreender. Entendimento é percepção, não uma imposição, externa ou interna.

Ademais, para repetir a mesma coisa diferentemente, temos ideais externos que nos são impostos através da educação, da política, da influência social, do ambiente. Depois sentimos que êles restringem, limitam, controlam, dominam, usurpando nosso pensamento individual, e, por isso, desenvolvemos nossos próprios ideais — pensamos estar desenvolvendo nossos próprios ideais e crenças a que procuramos nos adaptar. É isto que temos feito: rejeitamos o externo e somos obedientes ao ideal interno que estabelecemos para nós mesmos, julgando ter feito formidável progresso. O que fizemos foi apenas rejeitar o externo e estabelecer nossas próprias crenças, esforçando-nos por imitá-las,

seguí-las. Ora, esta idéia de seguir, de imitar, de ser guiado, controlado, dominado, é, para mim, o primeiríssimo embaraço a impedir a clara percepção de qualquer experiência, ou essa plenitude na perfeita compreensão, porque ao seguirmos, tôda a nossa mente está controlada e dominada por essa idéia de lucro. Pensamos na sabedoria, na compreensão, na plenitude, em termos de acumulação e não a imaginamos como sendo flexibilidade infinita e portanto eterna. Aquilo que é flexível é perene, mas, aquilo que está sobrecarregado de muitas e muitas acumulações e, por conseguinte, capaz de resistência, é transitório e não pode compreender.

Receio, pelo que vejo nos semblantes, haver aqui mui pouca compreensão do que estou dizendo. Esperai um momento, senhores; temo que, por ouvirdes uma ou duas palestras, não compreendais o que estou dizendo. O que produz compreensão não é ouvir, meramente ouvir, porém antes procurar realizar na ação.

De modo que, por outras palavras, a mente e o coração são o resultado do ambiente, e, assim, o vosso ambiente controla o vosso modo de pensar e de sentir. Não digais: “a mente é tudo? Deve haver algo mais, algo que é mais duradouro”. Eu disse: para descobrir isto, principiemos pelas cousas que conhecemos e partamos daí — não partamos de uma coisa misteriosa que não conhecemos, a cujo respeito só

possamos fantasiar. Portanto, mente e coração, pensamento e sentimento, são o resultado do ambiente, e enquanto fôrdes um escravo dêste ambiente, não pode haver compreensão; não podeis, então, dominar o ambiente; dominar o ambiente é compreendê-lo.

Isto significa que o ambiente é, finalmente, o sistema social e mais aquêle sistema que denominamos religião, constituído de muitas doutrinas, crenças, dogmas inumeráveis, preconceitos, e a mente é escrava dêste ambiente. Por exemplo, se estais dependendo da mente para vosso sustento diário, como o faz a maioria das pessoas, e que se dá com cada indivíduo, estais controlados em grande parte pelas crenças que sustentais. Suponde que sois católico romano e desejais encontrar trabalho em um lugar protestante, ou que, sendo protestante, desejais ter trabalho em uma instituição ou em um escritório católico romano; se descobrirem vossas crenças, poderá não ser fácil encontrardes trabalho e, assim, momentâneamente, deixais de lado vossas crenças ou aceitais o que outrem diz, porque quereis ganhar dinheiro, precisais ter dinheiro. Por meio do ambiente externo, mentalmente, estais sob controle; portanto, as vossas crenças são apenas o resultado do ambiente, condicionadas pelo ambiente; e enquanto não romperdes o ambiente falso da sociedade e da religião, vossas crenças e vossos ideais não teem

valor, porque são apenas o resultado do ambiente nascido do medo.

Assim, para compreender aquilo que é eterno, duradouro, deve haver conflito entre o indivíduo e o ambiente, e somente nesse conflito podeis romper as paredes da limitação. Muitas são as condições impostas pela sociedade ou pela religião, que aceitamos, impensada ou inconscientemente, como verdadeiras. Tradicionalmente, a nossa mente é arrastada para um molde, e inconscientemente aceitamos estas cousas, pelo que somos escravos delas; e é somente pela contínua inquirição, pelo constante apercebimento, que podemos libertar a mente do ambiente, e, por conseguinte, ser donos do ambiente.

P e r g u n t a : A virtude não parece ter uma feição muito proeminente em vossos ensinos. Porque isto? Tem a vida virtuosa uma tão pequena parte a desempenhar na realização da verdade?

K r i s h n a m u r t i : Que entendeis por virtude? Compreendeis por virtude um contraste com o vício? Isto é, chamais coragem, bravura, uma virtude em contraste com o medo? Primeiramente existe o medo, e pensais precisar desenvolver a idéia da coragem e, assim, buscais a

coragem; isto é, fugis do medo, e a esse processo de fuga do medo chamaís bravura, coragem, que se torna uma virtude. Para mim, o homem que segue a virtude, não é mais virtuoso; ao passo que, se começardes a descobrir a causa do medo, não encobrimdo o medo com a idéia do que pensais ser bravura, porém tentando averiguar qual a fundamental causa do temor, então, na descoberta da causa, não sereis nem corajoso nem timorato, estareis libertos de ambos esses opostos.

Finalmente, a virtude é apenas o resultado do falso ambiente, não é assim? Na presente época, para resistirdes ao ambiente, precisais ter um grande caráter. Pelo menos é a isto que se chama caráter. Isto é, a sociedade criou ou, por outra, nós ajudamos a criar uma sociedade em que a não possessividade é considerada uma grande virtude. Não é assim? Estabelecemos uma sociedade onde a possessividade indica constante luta com o vosso próximo, consciente ou inconscientemente, uma batalha constante, uma auto-afirmação, uma contínua eliminação de outrem; e ao homem que não quer fazer isto, denominais um homem virtuoso, um homem nobre. Para mim, isso nada tem que ver com a nobreza ou a virtude. Se o ambiente se modifica, se as condições sociais mudam, então, ser ou não ser possessivo é a mesma cousa, então não chamareis a possessividade uma virtude nem uma coisa má. Ao passo que agora, tal como a sociedade

se acha constituída, o rompimento com estes falsos padrões é considerado uma virtude ou um pecado. Se, porém, começarmos a alterar o ambiente em que a mente e o coração estão colhidos, então toda esta idéia de virtude e pecado terão significado totalmente diferente; pois que, para mim, a virtude não é coisa que se busque, que se alcance, que se possua, nem o pecado cousa de que se deva fugir ou ter horror — seja o que fôr que entendais por pecado.

Assim, a meu entender, é preciso uma grande dose de inteligência para se poder viver naturalmente, não para viver uma vida brutal, selvagem, irrefletida, primitiva — não é isto que quero dizer quando me sirvo da palavra “NATURALMENTE”. Viver uma vida natural, plena, uma vida espontânea, criativa, inteligente, é cousa que só podeis fazer quando compreenderdes os falsos e os verdadeiros padrões da sociedade, e com eles houverdes rompido por terdes compreendido o seu significado; assim, não mais sereis limitados por essa busca do oposto a que chamaís virtude.

Para resumir: quando tendes medo, buscais coragem e a essa coragem chamamos virtude; entretanto, o que é que realmente fazeis? Fugis do medo. Tentais encobrir o medo com uma idéia a que chamaís coragem. Assim, momentaneamente, incobris o medo com uma idéia a que

chamais coragem, porém o temor continuará a existir e a evidenciar-se por diferentes formas; ao passo que, se tentardes descobrir qual é a causa fundamental do medo, então a mente não mais será colhida no conflito dos opostos.

P e r g u n t a : Julgais que o método da psico-análise, o fato de trazer os motivos da mente inconsciente para o conhecimento consciente, ajudará o indivíduo a libertar sua mente dos complexos e desejos egoísticos e primitivos, e, por êsse modo, permitirá ao seu pensamento conduzi-lo a essa felicidade de que falais?

K r i s h n a m u r t i : Isto é, a mente tem muitos complexos, e a pergunta consiste em: se podeis libertar d'êles a mente pela auto-análise. Não é esta a pergunta? A mente e o coração teem muitos impecilhos, muitos impedimentos a que chamamos complexos — inconscientes, ocultos. Podemos libertá-los, podemos desarraigá-los pelo processo de auto-análise, e, por êsse modo, libertar a mente do ponto de vista egoísta e limitado?

Penso que tereis de acompanhar o que vos vou dizer com um pouco de cuidado porque pode ser que seja esta a primeira vez que ouvis falar disto e achar que é complicado, mas não

o é: Para mim, a mente pode libertar-se d'esses impedimentos somente na plena consciência, quando todo o vosso ser está ativo, apercebido. Ora, no processo da auto-análise, vosso ser inteiro não está funcionando, mas somente a parte de vós a que chamais a mente, o pensamento, o intellecto. Com apenas esta parte da mente tentais descobrir os complexos ocultos; enquanto que, eu digo, podeis trazer todos êsses impedimentos ocultos à plena ação consciente, somente quando estiverdes plenamente apercebidos no presente.

Direi isto por outras palavras: Suponde, agora, que tendes o complexo de "snobismo"(1). A maior parte das pessoas o possuem. Como haveis de verificá-lo? Para mim, a descoberta disto não depende do processo da auto-análise; isto é, da investigação intellectual das ações que se efetivaram, para descobrir esta idéia do snobismo. Antes de tudo, quereis descobrir se sois ou não "snob". Não quereis alterar isto, porém descobri-lo, não é assim? Esperai um pouco, por favor. Acompanhai o meu pensamento. Quando o houverdes descoberto, então agireis de um modo ou de outro. Em primeiro lugar tendes que des-

(1) "SNOBBISHNESS" (Caráter do "SNOB". Admiração por tudo o que é da moda, no momento), julgar-se superior a outrem e demonstrá-lo por ter mais dinheiro, maior conhecimento, etc.

cobrir se sois ou não “snob”, e como ides descobri-lo? Sòmente quando estiverdes plenamente consciente, plenamente apercebido daquilo que estais dizendo e sentindo, no momento em que disserdes e sentirdes — não depois de terdes falado ou sentido. Não é assim? Isto é, se estiverdes plenamente consciente do que estiverdes dizendo e pensando, então, neste pleno apercebimento, descobrireis, por vós mesmos, se sois ou não um “snob”; não o fareis se vos sentardes e intelectualmente analisardes um acontecimento. Sei que existem inúmeras perguntas que surgem disto, porém não posso responder a tôdas elas. Se, porém, refletirdes a êste respeito, verificareis que por estardes constantemente alerta, plenamente consciente naquilo que estiverdes fazendo, trareis o oculto inconsciente para a plena consciência, e por êsse modo criareis a perturbação que é necessária, e por meio dela libertareis a mente dêsse complexo, dêsse embaraço.

P e r g u n t a : Parece que encarais a perseguição de ideais como uma fuga à vida. Não existe nenhuma essência de verdade nos mais elevados ideais?

K r i s h n a m u r t i : Para que necessitamos de ideais? Não digo que êles não sejam verdade; porém, para que necessitamos deles? Dize-

mos que deles necessitamos porque não podemos, sem um padrão, sem uma medida, sem um ideal, guiar as nossas vidas através das constantes batalhas e lutas da vida. Não é assim? Por isso desejamos um padrão, uma contínua medição pela qual possamos julgar as nossas ações na vida diária. O que indica isto? Que estamos mais interessados no ideal, na medida, do que nos conflitos, nas lutas, nas tristezas que se nos depa-ram. Assim, como essas lutas são tão grandes, tão renhidas, tão imensas, estabelecemos ideais como um meio para delas fugir. Ao passo que, para mim, para compreender o conflito, as dificuldades, os sofrimentos, para entendê-los como são, a mente deve estar livre e não seguindo u'a medida, nem um padrão. Seguramente, quando vos achais realmente em grande conflito, em grande sofrimento, nesse momento não pensais no ideal, no que deveis e no que não deveis fazer. Estais tão consumidos no sofrimento que desejais descobrir. Então não olhais para um ideal como um meio de sair das dificuldades. É somente quando o sofrimento diminue, quando se apazigua, que vos voltais para um ideal, para vos ajudar a sair dêsse sofrimento.

Para mim, todos os ideais devem ser meios de alívio ao sofrimento, e, portanto, não podem de modo algum explicar-vos a razão do sofrimento. Examinai a pessoa mediana e verificareis que ela possui inúmeras idéias, múltiplos ideais,

muitas crenças, e, de acôrdo com tudo isto, esforça-se por viver durante o dia inteiro, se é que se dá ao trabalho de pensar nisso; assim, faz da vida uma contínua batalha entre o que os fatos são, e o que ela quer ser. Ora, se fundamentalmente ela perceber o que são os fatos, e quais os reais, reconhecendo a sua significação, então ela encontrará a própria raiz do conforto e, portanto, libertar-se-á dos falsos padrões, das falsas medidas, que estão continuamente procurando moldar a sua mente a um padrão particular.

P e r g u n t a : Acreditais no comunismo, tal como é entendido pelas massas?

K r i s h n a m u r t i : Não sei o que é compreendido pelas massas, portanto não posso explicar isso. O que é então? Examinemos isto, não sob o ponto de vista de um “ismo” qualquer, porém do ponto de vista da vulgar condição humana. Como pode haver verdadeiro entendimento entre os povos, quando vos considerais neo-zelandês e eu me considero hindu? Como podemos ter contacto mútuo? Como pode haver relações vitais entre nós, um entendimento humano? Ou, por outra, se nos dividirmos, mediante certos rótulos, vós chamando-vos cristãos, e eu chamando-me hindú, com certos preconcei-

tos, dogmas, credos, como pode haver verdadeira fraternidade? Podemos falar acêrca de tolerância, que é uma invenção intelectual para vos conservar onde estais e a mim onde estou, esforçando-nos para sermos amigos. Isto não significa que eu esteja falando de uniformidade; atualmente existe a uniformidade. Todos vós tendes uma crença, um ideal, um dogma, embora possais variar nesta prisão, pintando-lhe os varões diferentemente; porém isto é uma prisão, e pretendeis conservar vossa prisão com suas decorações, e o hîndú quer conservar a sua com seus enfeites, tentando ser fraterna, e a esta fraternidade denominamos tolerância. Ao passo que, para mim, tôda essa idéia é a própria negação do verdadeiro entendimento, da unidade humana. Assim, através do processo do tempo, podeis ser arrastados, como outros tantos escravos, a aceitar o Comunismo, assim como agora aceitais o Capitalismo; e nesta fôrça arrebatante, não poderá haver ação voluntária, como atualmente também não é possível havê-la. Portanto, se meramente aceitardes um ou outro, e em qualquer deles viverdes, seguramente não estareis sendo criativamente individuais. Sereis apenas semelhantes a outros tantos carneiros, quer sejais carneiros capitalistas quer comunistas, arrastados pelo ambiente, pelas condições, e forçados a aceitar. Por certo que semelhante coisa não é moral; tal coisa não é rica, espiritual,

verdadeira. E afirmo que o verdadeiro estado humano somente pode vir à existência quando vós, como indivíduos, voluntariamente, fizerdes estas cousas por verdes a sua necessidade, a imensa profundidade disto — não apenas uma excitação superficial. Então, sim, haverá a possibilidade dos indivíduos viverem criativamente, plenamente, não enquanto sois arrastados.

P e r g u n t a : Qual é, do vosso ponto de vista, a causa do desemprego?

K r i s h n a m u r t i : Sabeis que durante muitos séculos, por muitas gerações, temos construído uma estrutura baseada na competição individual, na cruel auto-segurança, onde o mais hábil, o mais astucioso sobe ao cimo e consegue ter os meios diretivos em suas mãos. Isto é óbvio. Vemos isto por toda a parte e, naturalmente, quando o mundo se acha dividido em nacionalidades, que são a culminância da possessividade e da ganância dos indivíduos, certamente deve haver distribuição desigual, e portanto, naturalmente, a falta de empregos.

Sabeis, para mim, isto é muito simples de verificar. Talvez para vós seja muito complicado, embora possais ser mais instruídos do que eu, embora possais ter muita leitura. A causa, para mim, é muito simples. Assim, que devemos fa-

zer? Isto é, vós me direis: “Por que não falais a respeito das condições comuns do trabalho, da obra de modificação das condições econômicas, assim tudo estaria bem; porque, pois, não concentrais toda a vossa mente sobre este assunto particular para em seguida alterá-lo?” Como posso eu alterar toda a sociedade, da qual vós e eu fazemos parte? Como podemos nós alterá-la? Antes de tudo, mantendo uma atitude inteligente e, portanto, ação inteligente em direção à vida total. Isto significa que não podeis considerar isoladamente o problema econômico e dizer: “solvei-o e tudo mais estará solucionado.” O problema econômico é meramente um sintoma de todo o problema humano, portanto, se pudermos criar uma opinião inteligente uma ação inteligente, em relação a todos os seres humanos, então agiremos definitivamente a respeito das condições econômicas. Portanto, sinto que o que tenho a fazer é criar uma opinião, não meramente uma opinião intelectual, porém uma opinião nascida da ação; e, depois, quando houver semelhante opinião, então, sendo inteligentes, utilizareis qualquer sistema, qualquer sistema inteligente, para produzir uma completa mudança no sistema econômico.

*P e r g u n t a : Vós não acreditais na posse-
são e na exploração; porém, sem uma ou sem*

outra, como poderíeis viajar e fazer conferências pelo mundo?

K r i s h n a m u r t i : Eu vos direi isto muito simplesmente. Para viverdes no mundo sem exploração, precisais retirar-vos completamente para uma ilha deserta. Tal como o sistema existe agora — na actualidade — para simplesmente viver, se viverdes neste sistema, tendes que explorá-lo.

Compreendamos o que eu entendo por exploração. Para mim, se vós não descobrires, por vós próprios, inteligentemente, quais as vossas necessidades, tornar-vos-eis um explorador. Se descobrires, por vós mesmos, inteligentemente, quais as vossas necessidades, não sereis um explorador; isto, porém, exige uma grande dose de inteligência. Em princípio, nós possuímos muitas cousas porque imaginamos que pela posse de muitas cousas seremos felizes. Portanto, a fim de possuir essas multiplas cousas, temos que explorar; ao passo que, se realmente considerardes quais são as vossas necessidades essenciais, nisso não haverá exploração, se realmente pensardes sobre isto. Eu descobri, por mim mesmo, quais as minhas necessidades. Relativamente às minhas viagens, os amigos me pedem para ir a diversos lugares, e eu vou. Se elles mo não pedirem, eu não viajo; e mesmo que eu não possa conferen-

ciar ou ensinar bem, nesse caso, posso fazer outra coisa qualquer. Agora, se eu pretendesse converter vós todos a uma forma particular de pensamento, e forçar-vos a coletar fundos para alterar o vosso pensamento — a isso eu chamaria exploração. Isto de que vos estou falando é o inevitável, quer vos agrade quer não, e o homem inteligente, inteligentemente aceita o inevitável. Portanto, eu sinto que não estou explorando, e sei que não o faço e tão pouco sou possessivo.

E depois, quanto ao sentido da possessividade, para nos libertarmos realmente de tudo isto, é preciso estarmos muito alerta, apercebidos, de modo a não nos enganarmos a nós mesmos, pois, no pensamento de estarmos livres da possessividade pode haver uma grande dose de auto-engano. Pensamos tão freqüentemente estarmos libertos, mas realmente estamos vivendo sob a capa do auto-engano. A partir do momento em que vossa necessidade fique satisfeita, não mais vos apegareis a ela, não sentireis direitos de propriedade sobre as coisas.

P e r g u n t a : Causar-vos-ia alguma surpresa que o Cristo dos evangelhos aparecesse subitamente, de modo que todos pudessem vê-lo?

K r i s h n a m u r t i : Como sabeis, a mente deseja milagres, idéias românticas, fenômenos

extraordinários, sobrenaturais. Não que os milagres não existam, e nem que não existam fenômenos sobrenaturais; porém nós os buscamos pelo fato de nossas mentes e corações serem tão pobres, tão vazios, tão desgraçados, tão feios, e pensarmos poder vencer esta pobreza de mente e coração por meio da busca desses milagres, correndo à caça de fenômenos. E quanto mais perseguís fenômenos e milagres, menos ricos sois, menos plenitude de mente e coração e menos afeto haverá. Quando há plenitude de coração e mente, se há ou não milagres ou fenômenos superfísicos, terá pouca significação. Ora, nós criamos essas divisões, essas distinções entre o físico e o superfísico, porque o físico é tão intolerável e tão feio. Queremos fugir, e seguís qualquer pessoa ou coisa que possa levar-vos para o hiperfísico, denominando-a espiritual; porém, não é mais que uma outra forma de real e grosseiro materialismo. Ao passo que a verdadeira espiritualidade consiste em viver harmoniosamente, com perfeita unidade em vosso coração e mente, porque há compreensão, e nesse entendimento há a delícia de viver.

PALESTRA AOS TEOSOFISTAS NA NOVA ZELÂNDIA

(31 de março de 1934)

Amigos:

Direi apenas poucas palavras, antes de tentar responder algumas perguntas.

Antes de tudo, gostaria de salientar, o que vou dizer não deve ser recebido com espírito partidário. A maioria de vós, aqui, sois, provavelmente, Teosofistas, com certos ideais, idéias e ensinamentos definidos, e pensais que eu sustento opiniões contrárias, concluindo que pertenço a um outro campo com outros ideais e crenças. Abordemos o assunto totalmente, sob o ponto de vista da descoberta, de preferência a dizer: "Cremos nisto e vós não; portanto, mantemos certas idéias que tentais destruir". Ora, este espírito, esta espécie de atitude indica mais oposição que entendimento; mostra terdes algo que desejais proteger, e se alguém põe em dúvida o que possuís, dizeis imediatamente que

essa pessoa está vos atacando ou que eu vos estou atacando. Não é minha intenção, absolutamente, atacar cousa alguma, mas, sim, ajudar-vos a descobrir se o que sustentais é verdadeiro. Se fôr verdadeiro, então ninguém poderá atacá-lo, não importando que alguém o ataque. E somente podereis descobrir o que é real tomando-o em consideração, não protegendo-o, não assumindo a defensiva.

Sabeis que, por tôda a parte onde vou, os Teosofistas me pedem, como o fazem outras organizações, para falar-lhes; e os teosofistas, com os quais vivi durante tanto tempo, tomaram esta infeliz attitude, isto é, dizem que os estou atacando e destruindo suas crenças favoritas que devem proteger a todo o custo, e assim por diante. Sinto, entretanto, que se realmente considerarmos juntos, se raciocinarmos juntos e verificarmos o que é que temos em nossas mãos desejando protegê-lo, então, ao invés de pertencermos a um campo particular qualquer, ou a uma particular secção de pensamento, compreenderemos, naturalmente, o que é verdadeiro; e aquilo que é verdadeiro não tem partido. Não é vosso nem meu. Esta é, pois, a minha attitude ao dirigir-me a vós e ao palestrar por tôda a parte: ajudar-vos a descobrir — e faço isto honestamente — se o que sustentais é realmente perdurável ou se é uma cousa que construistes por presunção, ou por auto-proteção e auto-conser-

vação em busca de segurança. Tais cousas não tem valor, embora se revistam com a roupagem da segurança, da certeza e da sabedoria.

Agora, senhores, gostaria de dizer-vos que, para mim, a verdade não tem aspectos. Temos o hábito, especialmente os teosofistas, penso, além de outros, de dizer que a verdade tem muitos aspectos: O cristianismo é um, o budhismo outro, o hinduismo outro e assim por diante. Isto apenas indica que desejamos apegar-nos ao nosso próprio, particular temperamento, e aos nossos próprios preconceitos, sendo tolerantes para os preconceitos de outras pessoas. Ao passo que, para mim, a verdade não tem aspectos; ela é uma, e aquilo que é completo, integral, não tem aspectos. Não é semelhante a uma luz com muitas lâmpadas coloridas. Isto significa que colocaís lâmpadas coloridas sôbre a luz e depois tentais ser tolerantes para com uma luz vermelha, se fôrdes uma luz verde; e inventais êste infeliz termo "tolerância" que é tão artificial, uma cousa sêca que não tem valor. Certamente, não sois tolerante para com o vosso irmão, com os vossos filhos. Quando existe afeto real não há tolerância, pois, é sômente quando o coração está ressequido que falamos a respeito de tolerância. Eu, pessoalmente, não me preocupo com o em que acreditais ou não, porque o meu afeto não se baseia na crença. A crença é uma cousa artificial; ao passo que o afeto é o inato das cousas, e

quando este afeto fenece, então esforçamo-nos por espalhar fraternidade pelo mundo e falar sobre tolerância e unidade das religiões. Porém, onde existe real compreensão não se fala a respeito de tolerância.

A compreensão não reside nos livros. Podeis ser estudantes de livros durante muitos anos, mas, se não souberdes como viver, todo o vosso conhecimento fenece; não tem substância nem valor. Enquanto que, um momento de pleno apercebimento, de pleno entendimento consciente, produz uma paz real, perene; não uma coisa estática, mas esta paz que está continuamente em movimento, que é ilimitada.

Pergunto, agora, a mim mesmo, como hei de responder a tôdas estas perguntas:

P e r g u n t a : Pode uma cerimônia ser benéfica e, apesar disso, não limitadora?

K r i s h n a m u r t i : Quereis realmente aprofundar a questão, ou pretendeis tratá-la superficialmente? Quantos de vós, realmente, executam cerimônias? Infelizmente, tornou-se isto um assunto a cujo respeito costumais contender na Sociedade Teosófica.

Ora, o que é uma cerimônia? Não é colocar uma gravata, limpar-vos, comer, ou a apreciação da beleza — pois, tenho trocado idéias com várias pessoas que levantaram todos esses argumentos. Dizem elas: “vamos à igreja porque nela há tanta beleza. É nossa auto-expressão”. “Não

constitui cerimônia vestir uma roupa, limpar os dentes?" Seguramente, estas cousas não são cerimônias. A apreciação da beleza não é cerimônia. Não assistis à igreja nem a uma cerimônia para auto-expressar-vos. Portanto, a cerimônia, tal como a usais, tem um significado mui definido. Uma cerimônia, no meu entender, — de acôrdo com o uso que fazeis dessa palavra — é uma cousa por meio da qual esperais avançar espiritualmente, mediante a sua eficácia, ou então a assistis a fim de espalhar pelo mundo fôrças espirituais. Deveremos limitá-la a isto e não admitir estranhos argumentos? Não é assim? A cerimônia é aplicável sòmente onde espalhais fôrça espiritual e em cuja execução esperais obter progresso espiritual. Examinemos estas duas cousas.

Antes de tudo, quando dizeis que estais espalhando fôrças espirituais no mundo, como sabeis que o estais fazendo? Ou vos baseais na autoridade, aceitando os éditos ou preceitos de outrem ou sentis que a estais espalhando? Portanto deixemos de lado a autoridade de outrem, pois isto é infantil. Se outra pessoa disser simplesmente — "Fazei isto", e o fizerdes, isso não terá valor; seja quem fôr que vos ordene. Pois, assim, reduzir-nos-emos apenas à infantilidade, tornando-nos instrumentos da autoridade. Por isso, não há vitalidade em nossas ações. Somos apenas máquinas imitativas.

Ora, podemos pensar que por freqüentar uma igreja nos sentimos soerguidos, cheios de vitalidade e com uma sensação de bem-estar. Não vos insulto ao dizer que, tomando uma bebida ou ouvindo uma leitura estimulante, sentis a mesma cousa; mas, porque dais a uma cerimônia um lugar mais importante, mais vital, mais essencial do que à apreciação de alguma cousa que realmente vos estimule? Se examinardes isto realmente, vereis que se trata de algo muito diferente da estimulante apreciação da beleza. Assistindo a uma cerimônia, esperais que, por algum processo miraculoso, todo o vosso ser se purifique; mas, para mim, esta idéia, se me permitis a expressão, é verdadeiramente absurda. Tais idéias são instrumentos de verdadeira exploração. Ao passo que, sendo realmente integral, completo em vosso próprio íntimo, não podeis olhar para outrem, para limpar vossa mente e vosso coração. Cada um tem de descobrir isto por si mesmo. Para mim, pois, tôda esta concepção de que as cerimônias vos dão entendimento espiritual e triunfo é, na realidade, aquilo mesmo que pensa cada pessoa chamada materialista. O chamado materialista deseja ser alguém neste mundo, possuir dinheiro, por isso começa a acumular, a possuir, a explorar, a ser cruel; e o homem que deseja ser alguém no mundo espiritual faz exatamente a mesma cousa, divergindo somente em chamá-la espiritual. Isto

quer dizer que por detrás de tudo está a idéia de lucro; e, para mim, tal idéia, o desejo de obter, é, em si mesma, uma limitação. E se efetuais cerimônias visando lucro, então tôdas as cerimônias são apenas limitação. Ou, se executardes cerimônias por serem essenciais, necessárias, estareis aceitando-as apenas sob autoridade ou tradição. De certo, semelhante espírito não pode compreender o que é a vida, o que é o total processo de viver.

Surpreende-me que esta pergunta surja onde quer que eu vá, especialmente dentre aqueles que se supõem um pouco mais avançados, seja o que fôr que isto signifique, que foram estudantes de filosofia durante anos e que são considerados refletidos. Isto apenas indica que êles realmente buscaram substitutos. Estais fartos das vossas velhas igrejas e instituições, desejais algum novo brinquedo para entreter-vos e o aceitais sem averiguar se êle tem algum valor; não podeis verificar se uma coisa tem valor enquanto buscardes meramente substitutos.

Terei tratado esta questão completa e compreensivamente? Gostaria, realmente, de discutir, com o auditório, esta idéia de cerimônias. Tenho discutido com alguns que recentemente se tornaram sacerdotes e êles me deram não qualquer razão valiosa, mas alguma razão baseada na autoridade, como, por exemplo, "disseram-nos" ou qualquer outra espécie de desculpa para a sua ação.

Ora, há um outro aspecto desta questão que é completamente diferente. É a idéia de que na cerimônia existe magia — não magia branca ou negra, não me refiro a estas — que o mistério da vida se revela mediante uma cerimônia. Sabeis que eu tenho palestrado com alguns Católicos Romanos e eles vos dirão também que esta é a razão por que vão à igreja. Esta não é a razão dada por qualquer dos cerimonialistas do grupo Teosófico, portanto, não vos sirvais dêste argumento, uma vez mais, contra mim. Contudo, a vida é mistério. Há algo de imenso, mágico, na vida, mas a penetração no seu véu não se faz mediante a criação de cousas espúrias, não naturais, para descobrir o verdadeiro mistério — e, para mim, essas cerimônias sacerdotais não são naturais. São, realmente, um meio de exploração.

P e r g u n t a : Tem sido sugerido que o poder que fala através de vós pertence aos planos superiores, e não pode descer abaixo do intuicional, de modo que temos de ouvir principalmente com a nossa intuição se quisermos compreender vossa mensagem. Isto é correto?

K r i s h n a m u r t i : Que entendeis por intuição? O que significa a intuição para todos vós? Dizeis que é algo que sentimos instintiva-

mente, sem passar pelo processo lógico do raciocínio: "Pressentimento" como diriam os americanos. Ora, eu pergunto se a vossa intuição é real ou meramente inconscientes esperanças glorificadas; sutis e ilusórios anseios. Sabeis que quando ouvis falar sôbre reencarnação ou ouvis a palestra de um conferencista acêrca da reencarnação, ou ledes, sôbre ela, em um livro, concordais logo dizendo: "sinto que isso é verdadeiro, que assim deve ser", e chamais a isto intuição. Será realmente intuição, ou a esperança de que tereis uma outra oportunidade de viver na próxima existência; e, por isso, vos apegais à idéia e a denominais intuição? Esperai um momento. Não estou negando que haja intuição, porém, o que a pessoa mediana, a pessoa vulgar, denomina intuição, não é a verdadeira, é algo sem razão, sem valia, sem entendimento fundamental.

Ora, o inquiridor diz ter sido sugerido que o poder que fala por meu intermédio pertence aos planos superiores e não pode descer abaixo do intuicional. Seguramente compreendeis o que estou dizendo. Não é assim? É perfeitamente claro. Agora, esperai um pouco. É fácil compreender o que estou dizendo, porém, se não seguirdes a idéia e não a levardes à ação, não haverá entendimento; e como não desejais levá-la à ação, preferis transferi-la para o plano intuicional e dizeis, por esta razão, que insinuam estar eu falando do plano superior e, assim, pre-

cisais ir ao superior e tentar compreender o que isto significa. Por outras palavras, embora compreendais perfeitamente bem o que estou procurando transmitir é difícil levá-lo à ação; portanto, dizeis: removamos isso para um plano superior e ali podemos discutir. Não é assim? Se disserdes: “não compreendo o que dizeis”, então existe uma possibilidade de ulterior discussão. Esforçar-me-ia, então, por explicar isto diferentemente, de modo a podermos discuti-lo, aprofundá-lo e, juntos, considerá-lo; mas, partir da asserção de que para me compreenderdes necessitais ir para o plano superior — seguramente há algo de radicalmente errado nessa atitude. O que é o plano superior a não ser aquele que é pensamento? Porque ir a qualquer outro? Pois não vêdes que o meu ponto de vista é que, ao partirmos de algo misterioso, remoto, e dali tentarmos verificar o que é evidente, as realidades, estaremos, por isso mesmo, sujeitos a ter grandes decepções, ações muito hipócritas, falsidades? Ao passo que, se partirmos das cousas que conhecemos, que são muito simples de verificar, se sobre elas refletirdes, então podereis ir realmente longe, infinitamente longe. É, porém, absurdo partir do misterioso e depois tentar relegar a vida para êsse mistério, que bem pode ser romantismo, falso, ilusório. A atitude da mente que diz: “para compreender-vos temos que ouvir com a nossa intuição”, pode ser falsa

e, por isso, afirmei que vossas intuições podem ser completamente falsas. Como podeis ouvir com algo que pode ser falso, que resume as vossas esperanças, as vossas predileções, ansiedades ou sonhos? Porque não ouvir com os vossos ouvidos, com a vossa razão? Partindo daí e conhecendo a limitação da razão, podeis ir adiante — isto é, para subirdes alto, tendes de começar de baixo; vós porém já tendes subido alto e não sabeis mais para onde ir. Aí é que está o embaraço de todos vós. Intellectualmente, tendes subido às alturas; naturalmente, o vosso ser interno está vazio, arrogante. Ao passo que, se começardes perto, então sabereis como subir, como mover-vos infinitamente.

Sabeis que tôdas essas cousas são meios e modos de verdadeira exploração. Esse é o método dos sacerdotes — complicar as cousas, quando elas são infinitamente simples. Não explicarei minuciosamente o que tenho a dizer, porque já fiz isto repetidamente; mas, complicar as cousas, vesti-las com tôdas as espécies de tradições ou preconceitos e não reconhecerdes vossos preconceitos, eis onde está a feialdade.

P e r g u n t a : Se uma pessoa verificar que a Sociedade Teosófica é um canal para sua auto-expressão e que por meio dela pode tornar-se útil, porque deveria deixar a Sociedade?

K r i s h n a m u r t i : Antes de tudo, verifiquemos se isto é assim. Não digais se deveria ou não sair da Sociedade Teosófica; aprofundemos o assunto.

Que entendeis por um canal através do qual a pessoa possa expressar-se? Não vos expressais através dos negócios, mediante o casamento? Expressais ou não, a vós mesmos, quando trabalhais todos os dias para ganhar o vosso pão quotidiano e quando educais os vossos filhos? E como fica evidenciado que não vos expressais nisto, necessitais, então, de uma Sociedade, na qual vos possais expressar. Não é assim? Por favor, eu espero não estar dando nenhum significado sutil a tudo isto. Assim, dizeis: — “como não me estou expressando no mundo das ações, no mundo de todos os dias, onde me é impossível expressar-me, eis porque me sirvo da Sociedade para me expressar”. É assim ou não? Pelo menos, é assim que eu entendo a pergunta.

Como vos expressais? No estado atual das cousas, é às expensas de outrem. Quando falais de auto-expressão, esta tem que ser à custa de outrem. Por favor, existe a verdadeira auto-expressão da qual trataremos oportunamente, porém esta idéia da auto-expressão indica que tendes algo a dar e, portanto, a Sociedade deve ser criada para vosso uso. Antes de tudo: tendes mesmo algo a dar? Um pintor, um musicista, um engenheiro, qualquer destes indivíduos, se real-

mente fôr criativo, não fala da auto-expressão; êle expressa-se a todo o instante, e o faz no mundo externo, no lar ou num clube. Não necessita ter uma sociedade particular a fim de utilizá-la para sua auto-expressão. Assim, pois, quando dizeis “auto-expressão”, não pretendeis dizer que vos estais servindo da sociedade para dar ao mundo um conhecimento particular ou algo que tenhais. Se tendes algo dá-lo-eis. Disso não sereis conscientes. Uma flor não é consciente da sua beleza, seu encanto está sempre presente.

“Servir o mundo”. Estais realmente servindo o mundo? Por favor, sabeis, eu desejava que pudésseis, de fato, pensar verdadeira, honesta, francamente; pois que, se pensásseis real, honesta e francamente, sériéis de utilidade para o mundo — não dessa maneira extraordinária. Verifiquemos se somos úteis ao mundo. De que é que o mundo necessita no momento — ou em qualquer tempo, no passado ou no futuro? De pessoas possuidoras da capacidade de serem completamente humanas; isto é, de indivíduos que não estejam limitados por seus estreitos círculos de pensamento e preconceitos, ou pelas limitações do seu emocionalismo auto-consciente. Por certo, se verdadeiramente quereis ajudar o mundo, não podeis pertencer a nenhuma seita ou sociedade particular, e muito menos a uma determi-

nada religião. Se dizeis que todas as religiões são apenas uma, por que então professar qualquer uma delas? As religiões e as nacionalidades realmente engaiolam as pessoas, entram-nas. Isto está evidenciado no mundo, através da história; e o mundo tem, agora, cada vez mais seitas, cada vez mais numerosas corporações fechadas por paredes de crenças, com seus guias especiais; e no entanto, falais de fraternidade! Como pode haver verdadeira fraternidade quando o instinto possessivo é tão profundo e, por isso, necessariamente deve conduzir a guerras, pois, está baseado no nacionalismo, no patriotismo. Certamente, ao falar sobre fraternidade, evidenciais que, realmente, não sois fraternais. Um homem que é realmente fraternal, afetuoso, não fala de fraternidade; vós não falais de fraternidade à vossa irmã ou à vossa esposa, porque já existe um afeto natural. E como pode haver fraternidade, verdadeira unidade humana, quando existe exploração? Assim, pois, para realmente ajudar o mundo — tal como falais em ajudá-lo — se realmente estais disposto a ajudá-lo a libertar-se de todos os seus compromissos, de seus interesses adquiridos, de seus ambientes, — então tendes de verificar que jamais falareis em ajudar o mundo; então não vos colocareis sobre um pedestal para ajudar alguém à distância e mais em baixo.

P e r g u n t a : Aproveis que invoquemos o auxílio dos séres do reino angélico, tais como o Anjo Rafael, em casos de doença, e o Anjo do Fogo na cerimônia da cremação? Serão êles esteios e muletas? (riso).

K r i s h n a m u r t i : Por favor, alguns de vós riem ao ouvir isto, porém teem, também, seus próprios, particulares preconceitos e superstições. Podeis não ter esta superstição “angélica”. Tendes algumas outras.

Ora, encaremos êste assunto sob o ponto de vista da invocação de auxílio. Em primeiro lugar, se fôrdes normais, então há um milagre normal operando no mundo; nós, porém somos tão anormais que desejamos aconteçam ações anormais. Tenho respondido, freqüentemente, esta pergunta. Muito bem. Primeiro, suponhamos que sofrestes e que depois ficastes curado; pode ter sido pelo médico ou por um anjo; mas se não conhecerdes a causa do sofrimento tornar-vos-eis novamente enfermo. Pessoalmente, já me dediquei um pouco à cura, porém pretendo fazer outra cousa na vida, desejo realmente curar a mente e o coração; isto é, quero que descubrais, por vós mesmos, a causa do sofrimento; e eu vos asseguro que nenhuma invocação de anjos, nem os contínuos cuidados do médico serão jamais capazes de vos mostrar a causa do sofrimento.

Podeis sintomaticamente, ser curado por um momento, porém, se não averiguardes, de fato, por vós mesmo — e ninguém pode fazê-lo por vós — qual a causa do sofrimento, ficareis novamente enfermo. Descobrimo a causa tornar-vos-eis saudável.

P e r g u n t a : Simpatizais com os que admiram vossa beleza, porém ignoram a vossa sabedoria?

K r i s h n a m u r t i : É uma pergunta idêntica àquela outra: Escutaremos intuitivamente o que dizeis, mas, ignoraremos vossas palavras. Esta pergunta é feita apenas diferentemente. Sabeis, a sabedoria não se compra. Não a podeis adquirir nos livros. Não a podeis alcançar ouvindo. Podeis ouvir-me durante centenas de anos, porém, não sereis sábios por isso. O que traz a sabedoria é a ação. Ação é sabedoria; elas não podem ser separadas. E por termos separado a ação do nosso pensamento, das nossas emoções, da nossa capacidade intelectual de raciocinar, somos arrastados pelas cousas superficiais e assim, explorados.

P e r g u n t a : Pensais que a Sociedade Teosófica terminou seu trabalho no mundo e que

deveria retirar-se para um confinamento solitário?

K r i s h n a m u r t i : Que pensais vós, que sois membros dela? Não seria esta uma pergunta muito mais razoável do que a que me fazeis? Senhores, posso apresentar a questão assim?: — Por que pertenceis a uma sociedade qualquer? Por que sois cristãos, teosofistas, cientistas-cristãos, e Deus sabe que mais? Por que vos excluis e separais? “Por que”, dizeis, “esta espécie particular de crença, esta forma especial de expressão, de idéias, me atrai; portanto me filio a ela”. Ou a ela pertenceis por esperardes obter algo: felicidade, sabedoria, emprêgo, posição. Assim, em lugar de me perguntardes se a Sociedade deveria retirar-se, perguntai a vós próprios porque a ela pertenceis. Porque pertenceis a uma cousa qualquer? Há esta idéia horrível de que desejamos ser exclusivistas — daí proveem as diversas associações, tais como Clube Ocidental, Pista de Golf Oriental e assim por diante. Até hotéis exclusivistas há, como bem o sabeis. Do mesmo modo, afirmamos ter algo de especial, o mesmo fazem os hindús, os católicos romanos. Todas as pessoas no mundo dizem que teem algo de especial e, por isso, se excluem e se tornam proprietários dessa cousa especial e assim, criam mais divisões, conflitos,

maiores aflições. Ademais, quem sou eu para vos dizer se a Sociedade deve retirar-se para o confinamento? Pergunto a mim mesmo, quantos dentre vós se terão realmente perguntado porque a ela pertencem. Se realmente constituís uma corporação social, não uma corporação religiosa, não uma corporação ética, então existe alguma esperança para ela no mundo. Se fôrdes realmente uma corporação de pessoas que estejam descobrindo, não que encontraram, se sois uma corporação de pessoas que ministram informações, não estabelecendo distinções espirituais, se sois uma corporação de pessoas com uma plataforma verdadeiramente aberta, não para mim ou para alguém em especial, se fôrdes uma corporação de pessoas entre as quais não haja nem leaders nem seguidores, então existe alguma esperança. Porém eu sinto que sejais seguidores e, portanto, que todos vós tenhais leaders. E semelhante sociedade, quer seja esta ou seja outra, é inútil. Sereis apenas seguidores ou apenas leaders. Na verdadeira espiritualidade não existe distinção de professor e aluno, do homem que possui conhecimento e do homem que o não possui. Vós é que criais esta distinção — porque é isso o que buscais — serdes continuamente distintos. Nem todos podeis ser um titular, tal como, por exemplo, “Sir” e, assim, quereis ser alguém nesta Sociedade, ou em outra, ou no céu. Mas, não vêdes que, se realmente pensásseis sô-

bre isto e fósseis honestos, poderíeis ser uma corporação extraordinariamente útil ao mundo? Poderíeis, então, trabalhar pelo mérito intrínseco de suas idéias — não por qualquer fantasia ou emotividade de vossos leaders. Então, examinariíeis qualquer idéia, para averiguar seu verdadeiro significado e, elaborá-la, não dependendo das honras conferidas pelos vossos serviços, como estímulo para o trabalho. Êste processo conduz à estreiteza, à beatice, a maiores divisões, creldades e, finalmente, ao pensamento inteiramente caótico.

P e r g u n t a : Qual é a vossa atitude relativamente aos primitivos ensinamentos da Teosofia, do tipo Blavatsky? Julgais que temos degenerado ou progredido?

K r i s h n a m u r t i : Sinto não saber, pois não conheço o que são os ensinamentos da senhora Blavatsky. Porque os deveria conhecer? Porque deveríeis conhecer os ensinamentos de outra pessoa? Sabeis que sòmente existe uma verdade, portanto, sòmente um caminho que não está distante dessa verdade; sòmente um método para atingir essa verdade, pois, os meios não são diferentes do fim.

Ora, vós que haveis estudado a Teosofia de Mme. Blavatsky e a Teosofia mais recente ou o

que quer que isto seja, porque quereis ser estudantes de livros ao invés de estudantes da vida? Por favor, não estou sendo rude ou coisa parecida. Pois não vêdes? Sois Cristãos; averiguai o que há de verdadeiro e de falso no Cristianismo — e então verificareis o que é verdadeiro. Averiguai o que é verdadeiro e o que é falso em vosso ambiente, com tôdas as suas opressões e crueldades, e então verificareis o que é verdadeiro. Porque necessitais de filosofias? Porque a vida é uma coisa feia e pretendeis fugir dela por meio da filosofia. A vida é tão vazia, tão insensata, tão incolor e tão ignominiosa, que desejais algo que traga romanticismo ao vosso mundo, alguma esperança, algum sentimento persistente, obsessionante; ao passo que, se realmente defrontásseis o mundo tal qual é e nele penetrásseis, então o acharíeis algo de muito maior, de infinitamente maior do que qualquer filosofia, maior do que qualquer livro existente no mundo, maior do que qualquer ensinamento, do que qualquer instrutor.

Temos perdido, realmente, tôda a faculdade de sentir, de ternura pelo oprimido e pelo opressor. Sentis somente quando sois o oprimido. Assim, gradualmente, explicamos e afastamos intelectualmente, todos os nossos sentimentos, tôda a nossa sensibilidade, as nossas delicadas percepções, até ficarmos absolutamente superficiais; e para preencher esta superficialidade,

para nos enriquecermos, estudamos livros. Eu leio tôdas as espécies de livros, porém jamais filosofias, graças a Deus. Sabei, eu experimento uma espécie de sentimento aversão — permiti que o classifique de suave — quando vos ouço dizer: “sou um estudante de filosofia”, um estudante disto ou daquilo; nunca sois estudante da ação diária, jamais compreendeis as cousas como são. Eu vos asseguro que, para alcançardes vossa felicidade, para vossa compreensão, para a descoberta dessa cousa eterna, precisais realmente viver; e então encontrareis algo que nenhuma palavra, nenhum quadro, nenhuma filosofia, nenhum professor pode dar.

P e r g u n t a : São de algum valor, para o desenvolvimento da alma, os ensinamentos da Teosofia referentes à evolução??

K r i s h n a m u r t i : Que entendeis por evolução, senhores? Tanto quanto posso entender, é o crescimento do não essencial para o essencial. Não é isto? Crescer da ignorância para a sabedoria. Não é assim? Ninguém move a cabeça negativamente. Muito bem. Que entendeis por evolução? Aquirir cada vez mais experiência, cada vez mais sabedoria, cada vez maior conhecimento, mais e mais, infinitamente mais. Isto é,

ides do não essencial para o essencial; e este essencial torna-se não essencial a partir do momento em que o tendes alcançado. Não é assim?

Estais muito fatigados? É muito tarde? Por favor, precisais pensar comigo. É esta a minha segunda palestra neste dia; porém, se não pensardes comigo, isto será um tanto difícil para mim. Tenho que bater contra uma parede.

Hoje considerais uma coisa como essencial, e vos esforçais para conseguí-la e a alcançais; amanhã, essa coisa torna-se não essencial e dizeis: “aprendi isto”. Aquilo que haveis julgado essencial, tornou-se não essencial e, assim, proseguis indefinidamente e chamais a isto crescimento, evolução; alcançando cada vez mais, discernindo cada vez melhor entre o essencial e o não essencial —e, no entanto, não existe tal coisa como sendo essencial e não essencial. Existe? Porque aquilo que julgais essencial hoje torna-se não essencial amanhã, por desejardes alguma outra coisa.

Permiti que eu me expresse de outra maneira. Vêdes um objeto agradável qualquer, de que pensais necessitar e chegais a possuí-lo, depois, satisfeitos, voltais-vos para outra coisa. Pode ser qualquer ânsia emocional, qualquer desejo e o realizais. Quereis uma idéia e, perseguindo-a, a alcançais. Finalmente, pretendeis chegar a Deus, à verdade, à felicidade; e o homem que deseja felicidade, Deus, verdade, con-

siderais espiritual, ao passo que chamais mundano, materialista, o homem que quer um chapéu ou uma gravata, ou seja o que fôr. O não essencial é o chapéu e o essencial é Deus, a verdade. O que fizemos? Mudamos apenas o objeto dos nossos desejos. Dissemos: “bem, estou farto de chapéus, de automóveis, de prédios, e quero agora outra cousa”, ides, assim, em sua busca e a obtendes, depois a deixais de lado e desejais outra qualquer cousa; assim continuais, gradualmente, até que desejais algo a que chamais Deus, e então pensais haver atingido o último. Tudo o que fizestes foi brincar com os vossos desejos e a êste processo de seleção contínua, chamais evolução. É assim, ou não?

Comentário do auditório: — Em determinada época, um indivíduo está satisfeito com uma cousa e um outro indivíduo com outra.

K r i s h n a m u r t i : Mas, seguramente o desejo é o mesmo. O desejo é o mesmo, quer seja relativamente a um chapéu ou em relação a Deus. O desejo está por detraz de ambos; desejamos, até atravessar tôda a escala do nosso desejo; ao passo que, se realmente entendêssemos a significação de cada objeto empós o qual o desejo corre, e que êle não é essencial nem não

essencial, então entenderíamos a verdadeira significação de tal objeto; e, então, a evolução possuiria um significado diferente — não êsse perpétuo atingimento, sempre lucrando, obtendo sucesso constantemente.

C o m e n t á r i o : Conseguiremos deter o desejo?

K r i s h n a m u r t i : Certamente que não. Se detiverdes o desejo, então adeus! É a morte. Como paralisar o desejo? Êle não é uma cousa que possais paralisar e pôr em andamento. Por que desejais paralisar o desejo? Porque êle vos faz sofrer. Quando vos dá prazer, continuais e não me fazeis perguntas; mas, a partir do momento em que êle vos causa dôr; dizeis: “seria melhor detê-lo.” Porque sofreis? Porque não há entendimento. Se compreenderdes uma cousa, desaparece a dôr.

C o m e n t á r i o : Podeis dar-nos uma ilustração sôbre êste ponto: a dôr cessa quando é compreendida?

K r i s h n a m u r t i : Não podeis imaginá-la, por vós mesmos? Talvez vo-la dê mais tarde.

Deixai que exponha isto de maneira dife-

rente. Estamos habituados a esta idéia de matar o desejo, de discipliná-lo, de controlá-lo, de subjugá-lo. Para mim, êste modo de pensar não é salutar, é anti-natural. Desejais, por exemplo, um chapéu, um casaco ou qualquer outra coisa -- seja o que fôr -- e multiplicaís os desejos, porque o objeto que o desejo está buscando não vos dá satisfação. Não é assim? Assim, prosseguís, mas, o mudais para outro objeto. Ora, por que é que o vosso desejo persegue uma coisa após a outra? Porque não compreendeis o próprio objetivo que o desejo persegue; não vêdes o pleno significado do desejo por um objeto. Preocupai-vos mais com o lucro e com a perda do que com a significação dessa persecução. Estará explicado? Permitti que diga, precisais pensar bem sôbre tudo isto.

P e r g u n t a : O que escrevestes no "Aos pés do Mestre" ainda é válido?

K r i s h n a m u r t i : Muito bem senhores. O que se deduz desta pergunta? O que está implícito nesta pergunta? Isto: Acreditais ainda nos Mestres, ein? Não é assim? E, naturalmente, se acredito neles, tenho ainda que acreditar nos seus ensinamentos e assim por diante. Verifiquemos. Encaremos a questão abertamente e não

como se eu estivesse atacando os vossos Mestres, a quem quereis proteger.

Ora, para que necessitais de um Mestre? Dizeis que dêle necessitamos para termos um guia — a mesma cousa que os espíritas dizem — a mesma cousa dizem os católicos romanos — a mesma cousa que tôda a gente diz no mundo. Isto se applica a cada um, não a vós particularmente. Para vos guiar, para onde? É esta a pergunta que se segue, obviamente, não é assim? Dizeis: necessito de um guia para a felicidade, para a verdade, para a libertação, para o nirvana, para o céu” — precisais ter alguém que vos conduza a isso. (Por favor, eu não sou um advogado hábil que pretenda arrazar-vos; estou buscando ajudar-vos a verificar por vós mesmos. Não estou tentando converter-vos a cousa alguma). Bem, se estais interessados na descoberta da verdade, então os guias não teem importância: teem? Não importa — arranjareis qualquer pessoa. Como sabeis que ela vos ajudará a descobrir a verdade? Pode ser que o homem que varre a rua vos ajude — vossa irmã, vosso vizinho, vosso irmão, quem quer que seja; assim, por que prestais particular atenção aos vossos guias? Oh, não movais a cabeça negativamente. Conheço tudo isto. Dizeis: “Ah, sim, muito bem, isto é assim”; e no entanto todos vós andais buscando o discipulado probacionário, as distinções, as iniciações. Portanto, para vós, não é a

verdade o que importa, mas sim quem é o guia que a ela vos conduzirá. Não é assim? Não? Então, por favor, dizei-me o que é.

Comentário : Dissestes no “Aos Pés do Mestre” que deveríamos isentar-nos dos desejos e agora dizeis que temos...

Krishnamurti : Esperai um pouco, senhor. Sim, é uma contradição. Espero que haja grande número de contradições. Há uma senhora que disse “não”. Ela moveu a cabeça. Eu desejaria verificar.

Comentário : Não me recordo bem de qual foi a vossa pergunta em relação ao Mestre. Sinto não ser êsse o modo pelo qual, pessoalmente, encaro o Mestre. Sinto que assim como eu vos olho a fim de me ajudardes a compreender e a descobrir, assim o Mestre nos ajudará a compreender e a descobrir.

Krishnamurti : Quer isto dizer que para a maioria de vós o Mestre é o guia. Não podeis negar isto, podeis? Não podeis dizer “não, eu não cuido de quem nos há-de conduzir à verdade”.

C o m e n t á r i o : Penso que o importante não é o guia; não é o guia especial.

K r i s h n a m u r t i : Não tendes guias especiais?

C o m e n t á r i o : Para isto é que viemos ouvir-vos.

K r i s h n a m u r t i : Por favor, tentai verificar do que é que estou falando. Não digais: “nós não queremos Mestres nem guias”, e assim por diante; verifiquemos. Não digais também “isto não se me aplica”. Se realmente pensardes sobre o que vos estou dizendo, isto se aplicará também a vós, porque estamos todos, no mesmo círculo.

Portanto, se quiserdes averiguar o que é a verdade, como disse esta manhã, e perguntardes a um guia, então precisais saber, e êle também, isto é, ambos deverão saber o que é a verdade. Se, porém, souberdes o que é a verdade e tiverdes uma ténue percepção dela, então já não fareis perguntas a ninguém. Então não vos preocupareis sobre se sois discípulo probacionário, ou iniciado com honras especiais e tudo o que com isto se relaciona. Quereis a verdade, não as distinções. O que dizeis a isto?

C o m e n t á r i o : Diria que, em muitos casos, não se trata do desejo de distinção, porém sim do desejo de compreender.

K r i s h n a m u r t i : Não estais tentando proteger-vos. Eu não estou tentando derrotar-vos. Por favor, discutamos juntos com esta atitude. Como podeis possuir entendimento quando sois um discípulo, uma pessoa distinta, uma entidade diferente com quaisquer privilégios mais especiais do que os de qualquer outra pessoa?

C o m e n t á r i o : Sinto que não tenho quaisquer privilégios especiais; sou sòmente o que eu próprio fiz de mim. Não me parece que alguém me confere privilégios.

K r i s h n a m u r t i : Sinto não haver explicado plenamente. Muito bem. Quando sois um discípulo especial de alguém, que é isto senão distinção, auto-engrandecimento? Direis “não”. Isto me ajudará a descobrir a verdade. Isto é um passo necessário em direção à verdade”. Não é assim? Portanto, êste passo é apenas a acentuação e o exagêro da auto-consciência. Para compreender é necessário que haja cada vez menos consciência do “eu” e não cada vez

mais. Não é assim? Para compreender qualquer coisa é preciso que não haja preconceitos, é preciso que não exista a consciência do “meu caminho” e “vosso caminho”, “meu” isto e “vosso” aquilo. Tudo o que fortalecer a idéia do “meu” deve ser, necessariamente, um embaraço. Não é assim?

Comentário : Ensinaram-nos que há Mestres.

Krishnamurti : Bem, não posso entrar nesse assunto. Se disserdes “é a autoridade, nós fomos informados”, então nada mais há que dizer; porém, isto vos satisfaz a todos?

Comentário : Não.

Krishnamurti : Esquecei, um momento, tudo que haveis aprendido acerca dos Mestres, dos discípulos, da iniciação. Se fôsseis realmente francos, verieis isto. Acontece, simplesmente, que todos desejam ser alguma coisa e este processo de pretender ser alguém é utilizado e explorado. Que consciência é esta a que chamamos “eu”? Quando é que sois conscientes dêle? (Perdoai, necessito de ser breve, porque tenho de terminar). Que é esta consciência? Quando é que

sois conscientes de vós mesmos? Quando há conflito, quando existe um embaraço, uma frustração. Eliminai tôdas as frustrações, removei todos os embaraços e então não mais direis “eu”. Então estareis vivendo. É sômente quando sois conscientes da dôr que sois conscientes do corpo. Assim, pois, quando existe dôr, emocional ou intelectualmente, sois conscientes de algo separado. Ora, nós acentuamos esta consciência, e produzimos uma condição da mente que denominamos “eu” e temo-la como um fato, desejando continuar com a expansão dessa consciência para torná-la verdade — ampliar essa consciência cada vez mais, por meio da prova e das iniciações, e assim por diante, o que indica que possuis uma causa falsa. Isto é, o “eu”, não é uma realidade. Tendes uma causa falsa e uma falsa resposta, tais como iniciações, expansões da consciência, do “eu”; e, assim, dizeis que é preciso alguém para ajudar-vos a realizar a verdade, a expandir a vossa consciência; ou então dizeis: “o mundo necessita de um plano e há pessoas mais sábias do que eu; portanto, necessito tornar-me instrumento delas para ajudar o mundo”. Assim, estabeleceis um mediador entre elas e vós — alguém que sabe e alguém que não sabe. Dêsse modo, apenas vos tornais um instrumento da exploração. Sei que todos sorrides e discordais de mim; porém, por favor, isso não tem importância. Não estou aqui para vos convencer

nem vós para convencer-me. Se encarardes a coisa recionalmente, vereis.

Assim, pois, estabeleceis um plano conhecido de poucos e meramente vos tornais instrumentos da ação para executar ordens. Tomai por exemplo, que os Mestres dissessem: “a guerra é um bem”. Não afirmo que eles o hajam dito. Sabeis como na última guerra todos diziam: “Deus está do nosso lado”, e todos nós concordávamos com isto. Ora, se vós, como indivíduos, realmente começardes a pensar, verificareis que a guerra é uma coisa perniciosa. E, se realmente pensásseis sobre isso, não poderíeis tomar parte numa guerra. Porém, dizeis: “Eu não sei. O plano diz que deve haver uma guerra e que do mal sairá o bem, portanto, admiro-a.” Por outras palavras, realmente cessais de pensar. Sois apenas instrumentos para serem empregados, carne para canhão. Seguramente isto não é espiritual, e não o são tôdas essas cousas. Assim, por favor, com relação a — se eu acredito ou não nos Mestres — para mim é de mui pouca importância. Seja que acrediteis ou não em um Mestre, isto nada tem que ver com a espiritualidade. Qual a diferença entre um médium que recebe mensagens e vós que recebeis mensagens dos Mestres?

C o m e n t á r i o : Então, não devemos acreditar em coisa alguma?

K r i s h n a m u r t i : Um momento, por favor. Vêdes que já falei a êste respeito. Por que desejais uma crença? (risos). Por favor, não riais, pois, todos estão nesta posição. Todos nós desejamos crenças para apoiar-nos, algo que nos sustenha. Seguramente, quanto mais crenças tiverdes menos e menos força e riqueza interna tereis. Sinto muitíssimo não poder cuidar disto mais minuciosamente, demorar-me em tudo isto. São oito horas e meia, porém, quisera dizer ainda o seguinte: A sabedoria ou entendimento não se alcança com o apêgo às cousas, apêgo às vossas crenças ou idéias. A sabedoria nasce quando realmente vos estais movendo, não ancorando-vos em qualquer forma particular de crença; e, então, descobrireis que não importa que os Mestres existam ou não, ou se a vossa Sociedade é ou não essencial para o mundo. Estas cousas são de mui pouca importância. Então, estareis produzindo uma nova civilização, uma nova cultura no mundo.

Sabeis, é extraordinaríssimo! A Dra. Besant disse a todos os membros, e eu costumava ouvir-lhe freqüentemente dizer: “estamos nos preparando para um Instrutor do Mundo. Mantende aberta a vossa mente. Êle pode contradizer tudo o que pensais e dizê-lo de forma diferente”. E vós tendes vos preparado, alguns de vós, durante vinte anos ou mais; e não importa que eu seja o Instrutor ou não. Ninguém vo-lo pode dizer,

é natural, porque nenhuma outra pessoa pode sabê-lo, excepto eu próprio; e, mesmo assim, eu vos digo que isso não importa. Jamais contradisse isso, apenas digo, deixai isso de parte. O ponto a considerar não é esse. Estivestes vos preparando durante vinte anos ou mais e muito poucos dentre vós possuem, de fato, mente aberta. Muito poucos disseram: "Averiguemos sôbre o que estais falando. Aprofundemos isso. Descubramos se o que dizeis é verdadeiro ou falso, sem olhar o vosso rótulo". E após vinte anos, estais exatamente na mesma posição em que estáveis antes. Possuis inúmeras crenças, tendes certezas e o vosso conhecimento, sem interessar-vos, realmente, pelo exame do que estou dizendo. E isto parece-me um desperdício tal de tempo, dá-me tanta pena que êstes vinte anos e mais tenham sido desperdiçados, encontrando-vos exatamente onde estáveis, sômente com um novo conjunto de dogmas, um novo conjunto de crenças, um novo conjunto de circunstâncias! Afirmo-vos que não podeis encontrar a verdade, a libertação, o nirvana, o céu ou o quer que lhe queirais chamar, por êste processo de apêgos. Isto não quer dizer que todos vós deveis desaparecer-vos, pois isto simplesmente significaria ficardes fanados, mas sim que tenteis averiguar franca, honesta, simplesmente, se aquilo que sustentais com tanto afã possessivo tem uma significação qualquer, tem algum valor; e para averi-

guardes se tem algum valor não pode haver desejo de a êle vos apegardes. E depois, quando examinardes realmente isto, dêste modo, encontrareis algo que é indescritível. Então descobrireis algo real, perdurável, eterno. Então não haverá necessidade de um Mestre nem de um discípulo. O mundo será feliz quando não mais houver discípulos e mestres.

SEGUNDA PALESTRA NO PALÁCIO DA MUNICIPALIDADE

(Auckland)

(1 de abril de 1934)

Amigos:

Provavelmente, aqui viestes, em maioria, por estardes buscando alguma cousa. Pelo menos a maior parte aqui está porque espera encontrar alguma cousa assistindo esta reunião, por estardes em busca de algo que não conheceis, mas que esperais descobrir. Estais aqui porque há em vós o desejo de achar a felicidade, por isso que todos, de uma ou de outra maneira, estão sofrendo; há uma contínua inquietação em nossas mentes e corações, estamos insatisfeitos, incompletos e inquirindo. Contínuas explicações teem sido dadas para os nossos inúmeros sofrimentos e, assim, aqui viestes para averiguar se podereis obter alguma cousa em resposta à vossa busca.

Assistindo a esta palestra, esperais encontrar alguma resposta para os vossos problemas, para a causa do vosso sofrimento.

Ora, o que acontece quando sofreis? Quereis um remédio. Quando há um problema, quereis uma solução. Quando há uma dôr, quereis um remédio. E, assim, vamos de um para outro remédio. Sofremos e queremos descobrir o remédio para este sofrimento e, assim, vamos de uma lição, de uma experiência, para outra, de um remédio para outro ou de uma para outra explicação, de um para outro sistema, ou de uma para outra crença, mudando, continuamente, as nossas seitas — isto é, vamos de uma gaiola para outra, debatendo-nos, em vão, contra as suas grades para averiguar porque existe sofrimento; e, durante todo êsse tempo, a mente e o coração estão apenas buscando um remédio, uma explicação. Por êsse modo, jamais encontrareis a explicação, porque — o que acontece quando sofreis? Vosso pedido imediato é para que o sofrimento seja aliviado, para que a dôr seja amortecida e, por isso, aceitais o remédio que vos dão, sem examiná-lo convenientemente, sem propriamente desobrir sua verdadeira significação. Aceitais isso porque, psicológicamente, haveis estabelecido uma esperança e essa esperança vos cega; portanto, não há compreensão clara sôbre êsse remédio. Se pensardes nisto, verificareis que é um fato. Ides a um médico; êle vos dá um remé-

dio. Jamais lhe perguntais o que êste é. Todo o vosso interêsse é que a dôr desapareça.

Todavia, estais nesta reunião com essa mesma attitude de mente, se é que estais procurando. Se estais aqui por curiosidade, bem, a meu pesar pouco tenho a vos dizer. Se porém, estais aqui para averiguar, se estais buscando um remédio, então ficareis desapontados, porque eu não desejo dar-vos um remédio, uma explicação; mas considerando as cousas juntos, raciocinando juntamente, descobriremos a causa do sofrimento.

Assim, para verificar a causa do sofrimento, não busqueis um remédio; tentai, antes, verificar qual é a causa do sofrimento. Podeis tratar disso sintomaticamente, superficialmente; mas por êste modo não descobrireis a causa real, básica, fundamental; e somente podeis descobrir a causa do sofrimento se não criardes uma barreira, com a immediata ansiedade por vos libertardes da dôr. Se, por exemplo, perdeis uma pessoa a quem muito amais, manifesta-se intenso sofrimento. Então, um remédio vos é ofertado — o de que ela vive no além, a idéia da reencarnação, e assim por diante. Aceitais êsse remédio para o vosso sofrimento, mas a tristeza ainda permanece. Essa solidão e essa vacuidade permanecem, apenas a acobertais com uma explicação, um remédio, um narcótico superficial. Ao passo que, se realmente tentásseis descobrir a causa dêsse sofrimento, então examinarieis, esforçar-vos-eis

por verificar a plena significação do remédio que é oferecido, seja a idéia de que ela vive no além, seja a crença na reencarnação. Nesse estado da mente, quando existe sofrimento, há intensificação de pensamento, há uma intensa inquirição; e é esta intensa investigação que, realmente, causa o sofrimento. Não é assim? Se tiverdes vivido em comum com a vossa espôsa, com vosso irmão ou qualquer outra pessoa, e essa espôsa, êsse irmão, ou êsse amigo morrer, então estareis face a face com a vossa própria solidão, que cria em vossa mente essa atitude inquiridora — a plena consciência dessa solidão. Êste momento de agudo apercebimento, de plena consciência, é o momento de ser verificada a causa do sofrimento.

Ora, para mim, a descoberta da causa do sofrimento depende de haver êsse estado agudo da mente e do coração, que está buscando, tentando descobrir. Nesse estado, vereis que a mente e o coração tornaram-se escravos do ambiente. Para a maioria das pessoas, a mente é apenas o ambiente, depende de sua condição; e, enquanto a mente fôr escrava do ambiente, haverá sofrimento, haverá conflito contínuo do indivíduo contra a sociedade; e o indivíduo só se libertará do ambiente quando, mediante a inquirição, vencer a limitação que lhe é imposta pelo ambiente. Quer isto dizer que somente quando compreenderdes a verdadeira significação de cada ambiente, o ver-

dadeiro valor do ambiente que vos cerca, estabelecido pela sociedade, pelas religiões, é que atravessareis a limitação imposta, e por esse modo, nascerá a verdadeira inteligência.

Finalmente, somos infelizes porque não há inteligência, que é a compreensão. Quando compreendeis uma cousa, não estais mais em conflito nem sois limitados por aquilo que vos foi imposto pela autoridade, pela tradição, por preconceitos profundamente arraigados. Portanto, a inteligência é necessária para sermos supremamente felizes, e para despertar essa inteligência, a mente precisa estar liberta do ambiente. As inúmeras incrustações criadas pelas religiões e pela sociedade através das eras, tornaram-se o nosso ambiente. Só vos podeis libertar do ambiente que os indivíduos criaram, quando compreenderdes os seus padrões, os seus valores, os seus preconceitos, as suas autoridades. E, depois, começareis a verificar a causa fundamental do sofrimento, que é a falta de verdadeira inteligência, e essa inteligência não é para ser descoberta mediante qualquer processo miraculoso, mas, por estardes continuamente apercebidos, portanto, inquirindo constantemente, tentando descobrir o falso e o verdadeiro no ambiente que vos cerca.

Fizeram-me algumas perguntas e procurarei respondê-las nesta tarde.

P e r g u n t a : Acreditaís em Deus? Sois ateu?

K r i s h n a m u r t i : Suponho que todos vós acreditais em Deus. Deve ser assim, porque todos vós sois cristãos, pelo menos professais sê-lo, portanto, deveis acreditar em Deus.

Ora, porque acreditais em Deus? Por favor, responderei daqui a pouco, portanto, não me chameis ateu nem teísta. Porque acreditais em Deus? O que é uma crença? Não acreditais no que é evidente, tal como a luz do sol, como alguém que se senta ao vosso lado; não precisais acreditar nisto. Ao passo que vossa crença em Deus não é real. É alguma esperança, alguma idéia, uma certa ansiedade preconcebida, que possivelmente nada tem que ver com a realidade. Se não acreditardes, mas vos tornardes realmente apercebidos dessa realidade em vossa vida, tal como percebeis a luz do sol, então toda a vossa conduta na vida será diferente. Presentemente, a vossa crença não se relaciona, de modo algum, com a vossa vida diária; portanto, para mim, não tem nenhuma importância que acrediteis ou não em Deus. (Aplausos). Por favor, não vos incomodeis com aplausos. Há muitas perguntas ainda a responder.

Portanto, a vossa crença ou descrença em Deus são, para mim, a mesma coisa, porque não têm realidade. Se realmente vos apercebesseis

da verdade como percebeis esta flor, se estivesseis realmente conscientes da verdade como estais do ar fresco e da falta dêsse mesmo ar, então, tôda a vossa vida, tôda a vossa conduta, todo o vosso comportamento, as vossas próprias afeições, os vossos próprios pensamentos, seriam diferentes. Quer vos tenhais por crentes quer por descrentes, pela vossa conduta não o evidenciais; portanto, se acreditais em Deus ou não, é cousa de mui pouca importância. Isto é meramente uma idéia superficial, imposta pelas condições e pela ambiente, pelo temor, pela autoridade, pela imitação. Assim, quando dizeis: “acreditais”? “Sois ateu?” Não vos posso responder categoricamente; porque, para vós, a crença é muito mais importante do que a realidade. Digo que existe algo de imenso, de inen-surável, de insondável; existe uma suprema inteligência, porém, não podeis descrevê-la. Como podereis descrever o sabor do sal se nunca o houverdes provado? E são as pessoas que jamais provaram o sal, que nunca se aperceberam desta imensidade em suas vidas, as que começam a interogar-me se acredito ou não, pois que a crença, para elas, é muito mais importante do que a realidade que podem descobrir se viverem retamente, se viverem verdadeiramente; mas, como não querem viver verdadeiramente, pensam que a crença em Deus é algo de essencial para sermos verdadeiramente humanos.

Portanto, ser teísta ou ateu são atitudes, ambas absurdas, para mim. Se soubésseis o que é a verdade, o que é Deus, jamais seríeis teísta nem ateu, porque, nesse apercebimento, a crença é desnecessária. Somente o homem que não está apercebido, que apenas tem esperanças e suposições, é que recorre à crença e à descrença para apoiá-lo e para levá-lo a agir de um modo particular.

Mas, se tratardes dêste assunto de maneira muito diferente, descobrireis, por vós próprios, como indivíduos, algo de real que está para além de tôdas as limitações de crenças, para além da ilusão das palavras. Porém, isto — a descoberta da verdade ou Deus — exige grande inteligência, que não é a afirmação de crença ou descrença, mas o reconhecimento dos impedimentos criados pela falta de inteligência. Assim, para descobrir a verdade ou Deus — e digo que tal coisa existe, eu a realizei — para reconhecê-la, realizar esta causa, a mente necessita estar livre de todos os impecilhos que foram criados, através as idades, baseados na auto-proteção e na segurança. Não vos podeis libertar da segurança dizendo simplesmente que estais livres. Para penetrar as paredes dêsses embaraços, necessitais ter uma grande dose de inteligência, não o mero intellecto. Para mim, inteligência é a mente e o coração em plena harmonia; e então verificareis,

por vós mesmos, sem perguntar a ninguém, o que é esta realidade.

Ora, o que está acontecendo no mundo? Possuis um Deus cristão, Deuses indianos, Mahometanos, com as suas peculiares concepções de Deus — cada pequena seita com a sua verdade particular; e tôdas essas verdades tornaram-se semelhantes a muitas enfermidades que existem no mundo, separando os povos. Essas verdades, nas mãos de uns poucos, tornaram-se meios de exploração. Ides a cada uma delas, uma após outra, provando-as, tôdas, porque começais a perder todo o senso do discernimento, porque estais sofrendo e quereis um remédio; e aceitais, assim, qualquer remédio que vos é oferecido por qualquer seita, seja ela cristã, hindú, ou qualquer outra. Portanto, o que é que está acontecendo? Vossos Deuses vos dividem, vossas crenças em Deus vos separam e, no entanto, falais a respeito da fraternidade dos homens, acêrca da unidade de todos em Deus, e, não obstante, negais completamente a própria cousa que pretendeis descobrir, porque vos apegais a essas crenças, como sendo os meios mais potentes para destruir a limitação, quando elas nada mais fazem que intensificá-la.

Estas cousas são tão evidentes! Se sois protestante, tendes horror ao católico romano; se sois católico romano, tendes horror a tôdas as pessoas de outras crenças. Isto acontece por

tôda a parte, não somente aqui. Na Índia, entre os mahometanos, entre tôdas as seitas religiosas acontece isto; porque, para todos, a crença — essa cousa cruel — é mais vital, mais importante do que a descoberta da verdade, que é verdadeira humanidade. Por esta razão, as pessoas que tanto acreditam em Deus, não amam, realmente, a vida. Amam uma crença, mas não a vida, pelo que suas mentes e corações fenecem e tornam-se vãs, vazias, estéreis.

P e r g u n t a : Acreditaís na reencarnação?

K r i s h n a m u r t i : Antes de tudo, não sei quantos de vós estão versados na idéia da reencarnação. Explicar-vos-ei, ligeiramente, o que ela significa. Significa que, a fim de alcançardes a perfeição, precisais passar por uma série de vidas, colhendo experiências cada vez maiores e cada vez maior conhecimento, até chegardes à realidade, a essa perfeição. Rápida e geralmente falando, sem entrar em subtilezas, a este respeito, a reencarnação é isto: vós no caráter de “eu”, como entidade, como ego, tomais uma série de formas, vida após vida, até ficardes perfeitos.

Não vou responder, agora, se acredito nela ou não, pois desejo demonstrar-vos que a reencarnação não é essencial. Não rejeiteis, imedia-

tamente, o que eu digo. O que é o ego? O que é essa consciência a que denominamos o "eu"? Eu vos direi o que ela é e, por favor, considerai o que digo; não o rejeiteis. Estais aqui para compreender o que estou dizendo, não para criardes uma barreira entre vós e mim, mediante vossa crença. O que é o "eu", êste ponto focal que denominamos "eu", essa consciência de que a mente está continuamente se tornando apercebida? Isto é, quando é que sois conscientes de vós mesmos como "eu"? Sòmente quando sois frustrados, quando sois impedidos, quando há uma resistência; de outro modo sois supremamente inconscientes de vosso pequeno ser como "eu". Não é assim? Sòmente sois conscientes de vós próprios quando há um conflito. Portanto, como sempre vivemos em conflito, estamos conscientes dele, a maior parte do tempo; e portanto, temos esta consciência, êste conceito que nasce do "eu". O "eu", neste conflito, nada mais é que a consciência de vós próprios como forma, com um nome, com certos preconceitos, com certas idiosincrasias, com certas tendências, faculdades, ansiedades, frustrações; pensais que isto precisa continuar, crescer e alcançar a perfeição. Como pode o conflito alcançar a perfeição? Como pode esta consciência limitada alcançar a perfeição? Ela pode expandir-se, pode crescer, porém não será a perfeição, por mais ampla, por toda incluyente que seja, porque os seus alicer-

ces são conflito, falta de compreensão, impedimentos. Assim, dizeis a vós próprios: “tenho que viver como uma entidade além da morte, portanto, tenho que volver a esta vida até alcançar a perfeição.”

Assim, direis agora: “se eliminardes esta concepção do “eu”, qual será o ponto focal da vida?” Espero que estejais acompanhando o que eu digo. Dizeis: “eliminai, libertai a mente desta consciência de mim mesmo, como um “eu”, e, então, o que permanece? O que resta quando sois supremamente felizes, criativos? O que permanece é esta felicidade. Quando realmente sois felizes, ou quando muito amais, não existe “tu”. Existe êste admirável sentimento de amor ou êste êxtase. Digo que isto é o real. Tudo o mais é falso.

Portanto, descubramos o que cria êsses conflitos, êsses embaraços, êsse atrito contínuo, verifiquemos se isso é artificial ou real. Se é real, se êsse atrito se destina a ser o próprio processo da vida, então a consciência do “eu” deve ser real. Ora, digo que êsse atrito é uma coisa falsa, que não pode existir em uma humanidade onde exista um planejamento bem organizado para as necessidades dos seres humanos, onde haja afeto verdadeiro. Descubramos, pois, se o “eu” é falsa criação de um ambiente falso, de uma falsa sociedade, ou se é algo permanente, eterno. Para

mim, esta consciência limitada não é eterna. Ela é o resultado do falso ambiente e das crenças. Se realmente estivésseis fazendo o que desejais fazer na vida, sem serdes forçados a executar uma particular tarefa que vos aborreça, se seguísseis vossa verdadeira vocação, preenchendo-vos nela, então o trabalho não mais seria um atrito. Para um pintor, um poeta, um escritor, um engenheiro, para alguém que realmente ame o seu trabalho, a vida não é um fardo.

O vosso trabalho, porém, não é o da vossa vocação. O ambiente e as condições sociais forçam-vos a fazer uma determinada espécie de trabalho, quer dela gosteis quer não, e, assim, já tendes criado um atrito. Depois, certos padrões de moral, certas autoridades estabelecendo vários ideais como sendo verdadeiros, falsos, virtuosos, etc., e vós os aceitais. Aceitastes essa capa sem compreensão, sem descobrir o seu verdadeiro valor e, por isso, criastes atrito. Assim, gradualmente, toda a vossa mente está torcida, pervertida e em conflito, até que vos torneis conscientes dêsse "eu" e de nada mais. Portanto, partis de uma causa errônea, produzida por errôneo ambiente, e tendes uma resposta errônea.

Assim, quer a reencarnação exista ou não, para mim não tem importância. O que importa é o preenchimento que é perfeição. Não vos po-

deis preencher no futuro. O preenchimento não depende do tempo. O preenchimento está no presente. Que é, portanto, que está acontecendo? Mediante o atrito, o contínuo conflito, a memória está sendo criada, a memória que é o "eu" e o "meu", que se torna possessiva. Esta memória possui muitas camadas e constitui essa consciência que chamamos "eu". E digo que este "eu" é o falso resultado de um ambiente falso, e, portanto, seus problemas, suas soluções tem de ser inteiramente falsas, ilusórias. Ao passo que, se vós, como indivíduos, começardes a despertar para as limitações do ambiente, que vos são impostas pela sociedade, pelas religiões, pelas condições econômicas, e começardes a inquirir e, assim, a criar conflito, então dissipareis essa pequena consciência que chamais o "eu"; então sabereis o que é este preenchimento, este viver criativo no presente.

Por outras palavras: muitos cientistas dizem que a individualidade, esta consciência limitada, existe após a morte. Descobriram o octoplasma etc., e dizem que existe a vida após a morte. Deveis seguir isto com alguma atenção, assim como, suponho, o teríeis feito até agora; se o não fizerdes, não compreendereis. A individualidade, essa consciência, essa limitada auto-consciência, é um fato na vida. É um fato em vossa vida, não é? É um fato, porém não tem realidade.

Estais constantemente auto-conscientes e isto é um fato, porém como vos demonstrei, isto não tem realidade. É meramente o hábito secular de falso ambiente que converteu num fato algo que não é real. E, pôsto que êste fato possa existir, e êle existe, enquanto continuar, não pode haver preenchimento. Digo-vos que o atingimento da perfeição não é o acúmulo de muitas virtudes, não está no adiamento, mas na completa harmonia do viver no presente. Senhores, suponde que tendes fome agora e eu vos prometo alimento para a próxima semana, que valor tem isto? Ou se perdestes pessoa a quem muito amais, embora vos tenham dito, ou mesmo que julgueis saber, pessoalmente, ser um fato ela viver no além, que decorre daí? O que importa realmente é que essa vacuidade e essa solidão existem em vossa mente e coração e que há um vazio imenso; e pensais poder sair dele, fugir dêle, pelo conhecimento de que o vosso irmão, vossa espôsa, ou vosso marido ainda vive. Nessa consciência há ainda a morte; há ainda, nessa consciência, uma limitação; há ainda, nessa consciência, uma vacuidade, um contínuo pungir da tristeza. Ao passo que, se libertardes a mente dessa consciência do "eu", pela descoberta dos retos valores do ambiente, cousa que ninguém vos pode ensinar, então, por vós próprios, conhecereis êsse preenchimento que é a verdade, que é Deus, seja

qual fôr o nome que lhe queirais dar. Porém, pelo desenvolvimento dessa limitada auto-consciência que é o falso resultado de uma causa falsa, não descobrireis o que é a verdade ou o que é Deus, o que é a felicidade, o que é a perfeição; pois nessa auto-consciência tem que haver contínuo conflito, contínua luta, miséria contínua.

P e r g u n t a : Sois o Messias?

K r i s h n a m u r t i : Tem isso grande importância? Esta é, como sabeis, uma das perguntas que me teem sido feitas por tôda a parte por onde ando: pelos repórteres de jornais que procuram uma história; pelos auditórios, porque desejam saber, pois imaginam que a autoridade os convencerá. Ora, eu jamais neguei ou afirmei ser o messias, o Cristo que voltou; isso não tem importância. Ninguém vo-lo pode dizer. Mesmo que eu o dissesse, isso seria completamente destituído de valor, e assim, não vo-lo direi, porque, para mim, isto é cousa sem relevância alguma, inteiramente destituída de importância, muito fútil. Finalmente, quando contemplais uma maravilhosa peça de escultura, ou um quadro maravilhoso, há um regosijo; mas, parece-me que a maioria dentre vós se interessa mais por quem

fêz a pintura, mais pelo escultor do que pela obra. Não vos interessa, realmente, a pureza da ação, esteja ela manifesta em um quadro, em uma estátua, ou em um pensamento; estais interessados em saber quem está falando. Portanto, isso indica que não possuis a capacidade de descobrir o mérito intrínseco da idéia, antes vos preocupais mais com quem fala. Parece-me que um “snobismo”, um “snobismo” espiritual, esteja sendo cultivado, assim como existe um “snobismo” mundano, pois todos os “snobismos” são a mesma coisa.

Assim, pois, amigos, não vos incomodeis, porém esforçai-vos para averiguar se o que estou dizendo é verdadeiro; e ao tentardes verificar se o que estou dizendo é verdadeiro, desembaraçai-vos-eis de tôda a autoridade, que é uma cousa perniciosa. Para os seres humanos realmente criadores, inteligentes, não pode haver autoridade. Para descobrir se o que estou dizendo é verdadeiro, não podeis vos aproximar disto com atitude de mera oposição, ou dizendo: “disseram-nos isto”. Foi-nos dito”, “Certos livros dizem isto e aquilo”, “Nossos espíritos — guias disseram isto”. Sabeis que é a moda última dizer-se: “nossos espíritos guias disseram isto.” Não sei porque dais mais importância a êsses espíritos que estão mortos do que aos vivos. Sabeis que os vivos podem sempre contradizer-vos,

por isso não lhes prestais muita atenção, ao passo que, quanto aos espíritos, como sabeis, êles podem sempre enganar-vos.

Temos adestrado nossas mentes, não no sentido de apreciar uma coisa por ela mesma, porém antes tendo em vista quem a criou, quem a pintou, quem dela falou. Assim, nossos corações e mentes tornam-se cada vez mais estéreis, vazios, e nisto não existe afeto nem verdadeiro, sensato pensamento, mas apenas um conjunto de preconceitos.

P e r g u n t a : Que é a espiritualidade?

K r i s h n a m u r t i : Eu digo que é o viver harmonioso. Ora, esperai um pouco, eu vos explicarei isto. Não podeis viver harmoniosamente se fôrdes nacionalista. Como o poderíeis? Se tendes a consciência de raça, ou a consciência de classe, como é que podereis viver inteligentemente, supremamente livres dessa consciência? Ou como podereis viver harmoniosamente quando sois possessivos, quando há a idéia do meu e do teu? Ou como podereis viver inteligentemente e, portanto, harmoniosamente, se estais presos pelas crenças? Afinal, a crença é apenas uma fuga do presente conflito. O homem que se encontra neste imenso conflito com a vida, dese-

joso de compreender, não tem crença, está em processo de experimentação; êle não crê positivamente e continua a experimentação. O cientista não começa pela crença em suas experimentações, mas principia experimentando. E o homem que está dominado pela autoridade, seja ela social ou religiosa, seguramente não pode viver harmoniosamente, nem, portanto, espiritual, inteligentemente. A autoridade, pois, é um mero processo de imitação, de falsidade. O homem pleno de pensamento, está livre da autoridade, pois que a autoridade apenas o converte em mera máquina imitadora, um dente de engrenagem — seja essa máquina religiosa ou social. Tal homem, pode viver, pois, harmoniosamente, e nessa harmonia, sua mente e coração são normais, sadios, plenos, completos, não oprimidos pelo temor.

P e r g u n t a : O estudo da música ou da arte em geral, tem algum valor para o homem desejoso de atingir essa realização de que falais?

K r i s h n a m u r t i : Quereis dizer que ides ouvir música, como quem deseja obter algo em troca? Seguramente, a música não é mercadoria que se venda. Ides para gosar, não para obter algo em troca. Não se trata de uma loja. Certa-

mente tôda a nossa idéia sôbre a realização da verdade ou do viver em êxtase, não é acumulação contínua de coisas, de idéias, de sensações. Ides ver uma bela obra de pintura ou de arquitetura — qualquer destas coisas — porque as apreciáis, não porque elas vos dêem qualquer coisa em troca, é esta a verdadeira atitude materialista, a atitude de troca, de comércio. Esta é a vossa aproximação da realidade, é assim que vos aproximais de Deus. Ides a Deus com preces, flores, confissões, sacrifícios, porque em troca obtendes alguma cousa. Assim, vossos sacrifícios, preces, implorações, súplicas não têm valor, porque estais procurando algo em troca. É também a atitude do que se mostra bondoso porque lhe ides dar alguma coisa, e todo o processo da civilização se baseia nisto. O amor é mercadoria para ser regateada. A espiritualidade ou a realização da verdade é algo que buscais em troca de alguma ação reta. Senhor, a ação reta em troca de alguma outra cousa não é ato bondoso.

P e r g u n t a : Quando os sacerdotes e as igrejas, ou outras instituições similares, atuam para com os homens no sentido de um primeiro auxílio, para aliviar sintomas, até que o Grande Médico chegue para tratar da causa, será isto um mal?

K r i s h n a m u r t i : Então, fazeis dos sacerdotes e das religiões o primeiro degrau, não é isto? Estais esperando por outra pessoa que venha revelar-vos a causa? Pelo que entendo, dizeis: “Uma vez que existem tantos sintomas, como estamos sofrendo superficialmente, isto é, tratando de sintomas, é necessário ter sacerdotes e igrejas”. Ora, é isto que dizeis? Reconheceis e afirmais que sacerdotes e igrejas tratam apenas de sintomas? Se realmente reconhecesseis isto, descobriríeis a causa. Mas não quereis fazer isto. Não dizeis que sacerdotes e igrejas tratam as causas sintomaticamente, superficialmente. Se realmente dissésseis e sentísseis isso, então descobriríeis a causa imediatamente, por vós mesmo, inevitavelmente, descobriríeis a causa; contudo, não dizeis isto. Dizeis que os sacerdotes e as igrejas vos conduzirão a descobrir a causa, portanto, a pergunta não está corretamente formulada. Na opinião da grande maioria das pessoas, de tôdas, praticamente, os sacerdotes e as igrejas vos auxiliam a chegar à realidade da verdade. Não dizeis que tratam de sintomas; se o dissésseis, eliminá-las-íeis imediatamente, amanhã mesmo. Desejaria que o fizesseis! Então descobriríeis. Então ninguém necessitaria dizer-vos qual é a causa, porque estariéis funcionando inteligentemente, pois principiariéis a inquirir e não a aceitar. Então

estarieis vos tornando verdadeiros indivíduos, não máquinas arrastadas pelo ambiente e pelo medo. Então haveria mais reflexão, mais afeto, mais humanidade no mundo, não estas horrorosas divisões.

P e r g u n t a : Verificando que a sociedade humana tem que ser cooperativa e coletiva, que valor pode ter o indivíduo para o êxito disto? A liderança suprime a liberdade do indivíduo e torna a sua unicidade sem valor.

K r i s h n a m u r t i : “Verificando que a sociedade humana tem que ser cooperativa e coletiva, que valor pode ter o indivíduo pra o êxito disto?” Ora, averigüemos se o indivíduo, ao tornar-se verdadeiramente individual, não cooperará. Isto é, ao invés de ser arrastado à cooperação, como o sois agora, pelas circunstâncias — eu não deveria dizer à cooperação, pois vós não sois cooperativos — ao invés de serdes arrastados pelas circunstâncias a agir por vós próprios, o que, portanto, não é verdadeira, inteligente cooperação, será possível cooperar tornando-se, de fato, indivíduos? Digo que, ao tornar-se verdadeiramente individual, é possível haver verdadeira e natural cooperação, sem ser

arrastado pelas circunstâncias; portanto, investiguemos isso.

Afinal, sois, ou não, indivíduos funcionando com toda a vossa plena volição? Finalmente, êste é o verdadeiro indivíduo, o homem que age com plena liberdade; de outro modo não sois indivíduos, sois simples dentes numa roda de máquina em função. Portanto, digo que será somente quando fôrdes verdadeiros indivíduos que haverá cooperação real. Ora, o que é um indivíduo? Não o é um ser humano que é arrastado à ação pelo ambiente, pelas circunstâncias. Digo que a verdadeira individualidade consiste em libertar a mente do que é falso no ambiente e, assim, tornar-se verdadeiramente individual, e, então, deve haver cooperação.

Por favor, já é tarde e não posso entrar em minúcias, porém, se estiverdes interessados, pensareis sobre isto e verificareis que neste mundo, tal como se acha constituído, cada indivíduo está lutando contra o seu próximo, em busca de sua própria auto-segurança, sua proteção, sua preservação. Desta maneira não pode haver cooperação. É uma impossibilidade. Somente haverá cooperação que seja inteligente, humana, criativa, não egoísta, quando vós, como indivíduos vos tornardes plenos indivíduos. Isto é, quando virdes que, para haver verdadeira cooperação no mundo, não deve existir busca competitiva de

auto-segurança. Isto significa a alteração de tôda a estrutura da nossa civilização, com seus interesses firmados, com sua possessividade de classe, suas nacionalidades, sua consciência de raça, suas divisões do povo pelas religiões. Quando vós, como indivíduos, estiverdes realmente livres, quando virdes a significação destas coisas e a sua falsidade, então tornar-vos-eis verdadeiros indivíduos e sereis capazes de cooperar inteligentemente — isto é inevitável. O que nos está conservando separados é o nosso preconceito, nossa falta de percepção dos justos valores, de todos êsses impedimentos que nós, como indivíduos, criamos; e é somente como indivíduos que podemos derrubar êsse sistema. Isto significa que não podeis ter nacionalidade alguma, nem sentimento de possessividade, embora tenhais vestuários e casa. Êste sentimento de posse desaparecerá quando houverdes descoberto vossas necessidades reais, quando tôda a vossa atitude não fôr a de possessiva consciência de classe. Quando cada individuo tomar interesse pelo bem-estar da coletividade, então poderá haver verdadeira cooperação. Presentemente, não há cooperação, porque sois meramente arrastados, como carneiros, em uma direção ou em outra, pelas circunstâncias, e vossos leaders vos eclipsam porque sois apenas meios de exploração, e sois explorados porque todo o vosso

pensamento, tãda a vossa estrutura é de auto-preservação, a expensas de outrem. E digo que existirá verdadeira auto-preservação, verdadeira segurança no plano mundial, como um grande todo, quando vós, como indivíduos, destruídes essas cousas que mantêm as pessoas separadas, lutando umas contra as outras, em contínuas guerras que são o resultado das nacionalidades e dos govêrnos soberanos. E vos asseguro que não tereis paz, não tereis felicidade, enquanto essas cousas existirem. Elas apenas trazem angústia cada vez maior, guerras cada vez maiores, cada vez maiores calamidades, dôres e sofrimentos. Elas foram criadas pelos indivíduos, e, como indivíduos, tendes de começar a derrubá-las e a vos libertar delas, e, sòmente então, realizareis o êxtase da vida.

TERCEIRA PALESTRA NOS JARDINS DA ESCOLA VASANTA

(2 de abril de 1934)

Amigos:

Esta manhã procurarei, em primeiro lugar, responder algumas perguntas e depois me esforçarei para fazer um resumo de que tenho dito, ao terminar as minhas respostas.

P e r g u n t a : É a meditação necessária para descobrir os valores permanentes, e se assim fôr, qual o método correto para a meditação?

K r i s h n a m u r t i : Gostaria de saber o que é que as pessoas geralmente entendem por meditação. Tanto quanto posso perceber, essa assim denominada “meditação” é, antes, concentração, não é, absolutamente, meditação. Estamos habituados a esta idéia de que pela concen-

tração, pelo emprêgo de tremendo esforço para dominar a mente e fixá-la em determinada idéia ou conceito, imagem ou quadro, isto é, focalizando a mente sôbre um ponto particular, estamos meditando.

Ora, o que acontece quando tentais fazer isto? Esforçais-vos por concentrar vossa mente sôbre uma idéia particular e banir tôdas as outras, todos os outros conceitos, procurando fixar a mente nessa idéia, forçá-la a limitar-se nisto, quer se trate de um grande pensamento, de uma imagem ou de um conceito colhido em um livro. O que acontece quando fazeis isto? Outras idéias veem subretlicamente e vós tentais repeli-las, pelo que êste conflito contínuo é mantido. Idéias furtivas, que não desejais, ingressam, insinuando-se na mente, porque tentais fixá-la sôbre uma idéia particular. Estais apenas criando conflito; fazendo a mente tornar-se menor, contraindo-a, forçando-a a fixar-se sôbre uma idéia particular; ao passo que, para mim, a alegria da meditação consiste, não em forçar a mente, porém, em tentar descobrir o pleno significado de cada pensamento, à medida que surge. Como podeis dizer qual a melhor e qual a pior idéia, qual a nobre e qual a ignóbil? Só podeis dizer isto quando a vossa mente houver descoberto seus verdadeiros valores. Portanto, para mim, a alegria da meditação consiste neste pro-

cesso da descoberta do justo valor de cada pensamento. Descobris, por um processo natural, o significado de cada pensamento, e, assim, libertais a mente dêsse conflito contínuo.

Suponde que vos esforçais para vos concentrardes em uma idéia — pensais no que ides vestir; vem esta idéia à vossa mente, ou a da pessoa que ides ver, ou ainda a do que ides almoçar. Completai cada pensamento, não tenteis bani-lo, e, então, verificareis que a mente não mais é um campo de batalha de idéias em competição. Assim, a vossa meditação não se limitará a umas poucas horas ou a uns poucos momentos durante o dia, será, antes, uma contínua vigilância da mente e do coração, durante o dia inteiro; e isto, para mim, é a verdadeira meditação. Nisto há paz. Nisto existe alegria. Porém a denominada meditação, que praticais por disciplina, a fim de ganhar algo em troca, é, a meu ver, uma coisa perniciosa, ela destrói realmente vosso pensamento. Por que somos forçados a fazer isto? Por que havemos de nos forçar a pensar concentradamente, durante uns poucos momentos ao dia, sôbre cousas de que julgamos gostar? É porque, durante o resto do dia, estamos fazendo cousas que não apreciamos, que não são agradáveis. Por isso dizemos: “para encontrar, para pensar sôbre algo de que gosto, preciso meditar”. E, assim, dais uma falsa resposta a uma

causa falsa. Isto significa que o ambiente — econômico, social ou religioso — vos impede de fazer, de preencher o que gostaríeis; e como êle vos impede, então tendes que encontrar momentos, uma hora ou duas, em que possais viver. Portanto, disciplinar a mente, forçá-la a um padrão particular, torna-se necessário, e daí surge toda a idéia de disciplina. Ao passo que, se realmente entendesseis a limitação do ambiente e o rompesseis por meio da ação, então êsse processo de disciplinar a mente para agir de uma certa maneira, tornar-se-ia inteiramente desnecessária.

Por favor, precisais de pensar cuidadosamente sobre isto, se quizerdes averiguar o seu significado, porque a mente disciplinada — não a mente meramente disciplinada a executar uma técnica — é mente que foi adestrada de conformidade com um padrão particular e êsse padrão é a resultante de uma falsa sociedade, de idéias falsas, de falsos conceitos. Ao passo que se fôrdes capazes de penetrar e ver quais são as coisas falsas, então a mente não mais será um campo de batalha de idéias contraditórias; e nisto verificareis que há verdadeira contemplação. Desperta-se, então, a alegria do pensamento.

P e r g u n t a : Qual o estado de apercebimento de que falais? Podeis tratar disto um pouco mais minuciosamente?

K r i s h n a m u r t i : Senhores, estamos habituados a esforçar-nos continuamente para fazer qualquer cousa; pensar é fazer um esforço tremendo. Estamos habituados a êste esforço incessante. Ora, desejo expor o que, para mim, não é um esforço, mas, um modo novo de viver. Quando sabeis que algo é um embaraço, que algo é um veneno, quando todo o vosso ser se torna consciente de algo que é venenoso, não é preciso esforço para desembaraçar-vos dele; já dele vos desprendestes. Quando sabeis que algo é perigoso, venenoso, e vos tornais plenamente conscientes disso, em vossa mente e coração, estais já liberto dele. É somente quando não sabemos que algo é um veneno, ou quando o veneno nos dá prazer e ao mesmo tempo dôr, que brincamos com êle.

Ora, criamos muitos embaraços, tais como o nacionalismo, o patriotismo, o seguimento imitativo da autoridade, a reverência à tradição, a busca contínua do conforto. Criamos tôdas estas coisas em virtude do medo. Se, porém, soubermos, com todo o nosso ser, que o patriotismo é realmente uma cousa falsa, uma cousa venenosa, então não tereis que lutar contra êle. Não tendes que vos desembaraçar dele. A partir do momento em que saibais ser êle uma cousa venenosa, êle desaparece. Como havemos de descobrir ser êle uma cousa venenosa? Não vos identificando,

seja com o patriotismo, seja com o anti-patriotismo. Isto é, pretendeis descobrir se o patriotismo é um veneno; se, porém, vos identificardes seja com o patriotismo, seja com o sentimento anti-patriótico, então não vos é possível descobrir o que é verdadeiro. Não é assim? Pretendeis descobrir se o patriotismo é um veneno. Portanto, a primeira coisa a fazer é ficardes apercebidos, cientes do fato da não identificação com qualquer deles. Portanto, quando não vos esforçardes para vos identificar, seja com o patriotismo, seja com o sentimento contrário ao patriotismo, então começareis a ver o verdadeiro significado do patriotismo. Então vos apercebereis do seu verdadeiro valor.

Afinal, o que é o patriotismo? Estou procurando ajudar-vos a ficardes apercebidos desse veneno, no momento. Isto não quer dizer que devais aceitar ou rejeitar o que estou dizendo. Consideremos juntos, e vejamos se é ou não um veneno; e, a partir do momento em que vejais ser êle um veneno, não mais necessitais lutar contra êle. Êle desaparece. Quando vêdes uma serpente venenosa, dela vos afastais. Não lutais contra ela. Ao passo que, se estiverdes incertos acêrca de ser ou não venenosa uma serpente, então brincais com ela. Pela mesma forma, esforcemo-nos por descobrir, sem aceitação nem opposição, se o patriotismo é ou não um veneno.

Antes de tudo, quando é que sois patriotas? Não sois patriotas todos os dias. Não mantendes permanentemente êsse sentimento patriótico. Sois cuidadosamente adestrados, na escola, para o patriotismo, mediante os livros de história que dizem ter o vosso país vencido algum outro país, que vossa nação é melhor do que outra. Por que êsse adestramento da mente no patriotismo, que, para mim, é uma coisa fora do natural? Não quer isto dizer que não possais apreciar a beleza de um país mais do que a de outros; porém, esta apreciação nada tem que ver com o patriotismo, porque é uma apreciação da beleza. Há, por exemplo, partes do mundo onde não existe uma única árvore, onde o sol é quente e abrasador; porém, elas possuem sua beleza própria. Seguramente, o homem que ama as sombras, as folhas balouçantes, não é por isso patriota. O patriotismo tem sido cultivado, adestrado, como meio de exploração. Não é coisa instintiva no homem. Causa instintiva no homem é a apreciação da beleza, e não dizer "minha terra". Isso foi cultivado pelos que desejam obter mercados estrangeiros para os seus produtos. Quer isto dizer que, se eu tiver em minhas mãos os meios da produção e houver saturado êste país com os meus produtos e depois quizer expandir o negócio, tenho que ir a outros países, conquistar os mercados de outras nações. Tenho, portanto, de

possuir os meios para conquistar. Por isso digo “nosso país”, e estímulo tudo isto por meio da imprensa, da propaganda, da educação, dos livros de história, e assim por diante, estímulo êsse sentimento de patriotismo, de maneira que, nos momentos de crise, todos nós saltemos a combater um outro país. E os exploradores jogam com êste sentimento patriótico até ficardes por tal modo enganados que vos prontificais a combater pelo país, chamando os outros de bárbaros, e assim por diante.

Isto é evidente, não é invenção minha. Podeis estudá-la. É cousa obvia, se para ela olhardes com a mente despreconcebida, com a mente que não pretenda identificar-se com uma cousa ou com outra, porém que tenta investigar. Que acontece quando verificaes que o patriotismo é realmente um impedimento à vida completa, plena, real? Não precisais contra êle combater. Êle desaparece completamente.

C o m e n t á r i o : Insurgir-vos-íeis contra a lei do país?

K r i s h n a m u r t i : A lei do país! Por que não? Seguramente que, se estiverdes libertos do patriotismo e a lei do país se intrometer convosco e vos mandar para a guerra e não concor-

dardos, podeis vos tornar insurreto consciente ou ser mandado para a prisão, e então tendes que combater a lei. A lei é feita por seres humanos e, seguramente, pode ser violada por seres humanos. (Aplausos). Por favor, não vos incomodeis em aplaudir, é um desperdício de tempo.

Que acontece, pois? O patriotismo é o mesmo, seja êle de espécie ocidental ou oriental, é um veneno para os seres humanos, que realmente deturpa o seu pensamento. Portanto, o patriotismo é uma doença e quando começais a aperceber-vos, a compreender que êle é uma moléstia, então vereis como a vossa mente reage contra essa doença. Quando em tempo de guerra todo o mundo falar de patriotismo, conhecereis a falsidade de tal cousa e, em consequência, atuareis como verdadeiros seres humanos.

Da mesma forma, por exemplo, a crença é um embaraço. Isto é, a mente não pode pensar completamente, plenamente, se estiver entrapada por uma crença. É semelhante a um animal amarrado a um poste por uma corda. Não importa que essa corda seja longa ou curta; êle está amarrado, de modo que não pode mover-se plena, livre, extensa e completamente; só pode perambular dentro dos limites da corda. Seguramente, tal movimento não é pensar; é apenas um movimento dentro do circulo limitado de uma crença. Ora, as mentes humanas acham-se prêsas à cren-

ça e, por isso, são incapazes de pensar. As mentes, em maioria, identificaram-se com uma crença, pelo que seu pensamento está sempre circunscrito, limitado por essa crença ou ideal; daí a falta de plenitude do pensamento. As crenças separam as pessoas. Portanto, se verificardes isto, se realmente reconhecerdes, com todo o vosso ser, que a crença condiciona o pensamento, o que é que acontece? Ficais apercebidos de que vosso pensamento está condicionado, de que vosso pensamento está limitado, prêso a uma crença. Na flama do apercebimento, reconhecerdes tal insensatez, e, assim, principiareis a libertar a mente do seu condicionamento, pelo que começais a pensar completa e plenamente.

Rogo-vos que experimenteis isto, e vereis que a vida não é um processo de luta contínua, de luta contra padrões que se oponham ao que pretendeis fazer. Então não mais haverá nem o que pretendeis fazer nem o padrão, mas a ação reta sem identificação pessoal.

Tomai outro exemplo. Temeis o que o vosso vizinho possa dizer — um temor muito simples. Ora, de nada serve o opôsto, isto é, dizerdes: “não me interessa o que diz o vizinho” e fizerdes algo em reação a esta oposição. Se, porém, realmente vos aperceberdes do motivo por que temeis o vizinho, então o medo cessará, de todo. Para descobrir êste “Por que”, a causa, precisais

estar plenamente apercebidos no momento do temor e então verificareis o que é: temeis perder um emprêgo, não poderdes casar vosso filho ou vossa filha, quereis enquadrar-vos na sociedade, e assim por diante. Então, começais por êste processo de vigilância da mente, êste contínuo apercebimento, a fazer descobertas; e, nessa chama, são queimadas as escórias dos falsos padrões. Então a vida não é batalha. Nada há, portanto, que vencer.

Podeis não aceitar estas coisas. É possível que não aceiteis o que estou dizendo, mas podeis experimentar. Experimentai com êstes três exemplos que vos dei, o do mêdo, o da crença e o do patriotismo, e verificareis quanto a vossa mente está amarrada, condicionada e, assim, a vida torna-se um conflito. Onde a mente estiver escravizada, condicionada, deve haver conflito, deve haver sofrimento. Porque, afinal, o pensamento é semelhante às águas de um rio. Tem que estar em movimento contínuo. A eternidade é êsse movimento. Se limitardes êste movimento do livre fluir do pensamento, da mente e do coração, então tendes que defrontar o conflito que exige um remédio e, assim, começa o processo: a busca de remédios, de substitutivos, e jamais procurais descobrir a causa dêste conflito. Assim, mediante o processo do pleno apercebimento, libertais a mente e o coração dos impedimentos que

lhe foram impostos pelo ambiente; e enquanto o ambiente condicionar a mente, enquanto a mente não descobrir o verdadeiro significado do ambiente, deve haver conflito, e daí a falsa resposta que é a auto-disciplina.

P e r g u n t a : Quando alguém descobriu, por si próprio, que todo o método de fuga do presente resultou em futilidade, que há mais a fazer?

K r i s h n a m u r t i : Quando descobris que estais fugindo ao conflito, que vossa mente está se evadindo, mediante remédios superficiais, desejais saber o que permanece. O que permanece? A inteligência, a compreensão. Não é assim? Suponde que tendes qualquer espécie de tristeza, seja a tristeza da morte ou uma tristeza momentânea qualquer. Quando há tristeza da morte, fugis mediante a crença na reencarnação, ou na de que a vida existe e continua no além. Tratei disto na noite passada, por isso não insistirei, agora, no mesmo assunto. Porém, quando reconheceis que isto é uma evasão, o que acontece? Examinais o remédio para descobrir seu significado, para ver se ele tem algum valor; e, no processo de descoberta, nasce a inteligência, a

compreensão; e esta suprema inteligência é a própria vida. De nada mais precisais.

Ou, ainda, suponde que tendes qualquer tristeza momentânea e quereis fugir dela procurando divertir-vos para esquecê-la. Ao tentar esquecer, jamais compreendereis a causa dessa tristeza. Portanto, multiplicaís e aumentais os meios de esquecimento, sejam êles o cinema, a igreja, ou qualquer outra coisa. Assim, não se trata de saber o que resta, depois de terdes cessado de fugir; porém ao tentardes descobrir o valor das fugas que, por vós mesmos, criastes, manifesta-se a verdadeira inteligência, e essa inteligência é felicidade criativa, é preenchimento.

P e r g u n t a : Qual é a causa fundamental do medo?

K r i s h n a m u r t i : Não é a auto-conservação a causa fundamental, a auto-conservação com tôdas as suas subtilezas? Por exemplo: podeis ter dinheiro e, por isso, não vos preocupais em competir para obter um emprêgo; porém, temeis outra coisa qualquer, temeis que vossa vida termine subitamente e que haja aniquilação, ou vos atemorizais de perder dinheiro. Portanto, se examinardes o caso, verificareis que o temor existirá enquanto persistir esta idéia da auto-

conservação, enquanto a mente se aferrar a esta idéia da auto-consciência, idéia que expliquei na noite passada. Enquanto subsistir a eu-consciência, deve haver hêdo; e isto é a causa fundamental do temor. Esforcei-me por explicar, também, na noite passada, como é produzida esta consciência limitada a que chamamos "eu", como é ela criada por meio do falso ambiente, e a luta que decorre dêsse ambiente. Isto é, devido ao sistema agora existente, tendes de lutar por vós mesmos para viver, e isso cria o mêdo; depois buscais remédios para desembaraçar-vos dêsse mêdo. Ao passo que, se realmente alterásseis a condição que cria o mêdo, então não haveria necessidade de remédios; então atacaríeis na própria fonte o verdadeiro criador do mêdo. Não poderemos conceber um estado em que não mais necessiteis de lutar pela vossa existência. Não digo que não haja outras espécies de mêdo que examinaremos mais tarde; porém, esta idéia de nacionalidade, esta idéia de consciência de raça, de consciência de classe, os meios de produção enfeixados nas mãos de uns poucos e, portanto, a existência do processo da exploração: estas são as cousas que vos impedem de viver naturalmente, sem esta luta contínua pela auto-conservação e segurança, a qual, afirmo, seria absurda em um estado inteligente. Somos realmente semelhantes aos animais, embora nos denominemos

civilizados, cada qual lutando por si mesmo e pela sua família; e esta é uma das causas fundamentais do temor. Se realmente compreenderdes o ambiente e contra êle combaterdes, então não vos preocupareis e o temor perderá as suas garras.

Há, porém, um medo de outra espécie, o medo da pobreza interna. Há o temor da pobreza externa, e há também o temor de ser superficial, vazio, de ficar isolado. Assim, atemorizados, recorremos a vários remédios na esperança de nos enriquecermos. Entretanto, que é que realmente acontece? Apenas acobertais essa vacuidade, essa superficialidade, com remédios inúmeros. Pode ser, por exemplo, o da literatura, ler muito — não que eu seja contra a leitura. Pode ser o exagêro do esporte, essa pressa contínua, essa necessidade de manterem-se juntos, a todo o custo, conservar-se na pista, pertencer a certos grupos, a certas classes, a certas sociedades, pertencer à camada considerada “chic” do grupo de escol. Sabeis que todos nós passamos por isso. Tudo isso indica nada mais que o medo da solidão a que tendes, inevitavelmente, de enfrentar em algum dia. E enquanto existir essa vacuidade, essa futilidade, tem que haver *medo*.

Para libertarmo-nos, realmente, dêste medo, o que equivale a ficarmos livres dessa vacuidade, dessa superficialidade, não devemos encobrí-la

por meio de remédios; porém, antes, reconhecer esse vazio, apercebermo-nos dêle, atitude que vos conferirá vigilância da mente para descobrir os valores e significado de cada experiência, de cada padrão, de cada ambiente. Por êste meio, descobrireis a verdadeira inteligência; e a inteligência é profunda, ilimitada e, portanto, a vacuidade desaparece. Quando vos esforçais por encobrir esta vacuidade, tentando obter alguma coisa que a preencha é que ela cresce cada vez mais. Se, porém, souberdes que estais vazios e não tentardes fugir, vossa mente torna-se muito aguda, nesse apercebimento, pelo fato de estardes sofrendo. A partir do momento em que reconheçais estardes vazio, ouco, manifesta-se um conflito tremendo. E, nesse momento de conflito, descobrireis, à medida que vos movimentardes, o significado da experiência — os padrões, os valores da sociedade, da religião, das condições que vos são impostas. Ao invés de encobrires a vacuidade, surge uma profunda inteligência. Então, jamais vos sentireis só, quer estejais sozinho quer entre uma imensa multidão, não mais haverá coisa que se pareça com vacuidade, superficialidade.

P e r g u n t a : As pessoas agirão por instinto, ou deverá haver, sempre, alguém para indicar o caminho?

K r i s h n a m u r t i : Ora, o instinto não é uma cousa em que se possa confiar. É? O instinto tem sido tão pervertido, tão limitado pela tradição, pela autoridade, pelo ambiente, que não mais se pode confiar nele. Isto é, o instinto de possessividade é uma cousa falsa, anti-natural. Explicar-vos-ei por que. Êle foi criado por uma sociedade que se baseia na segurança individual; portanto, o instinto de possessividade foi cuidadosamente cultivado através das gerações. Dizemos: "somos possessivos por instinto, é da natureza humana o ser possessivo"; se, porém, realmente examinardes o assunto com cuidado, verificareis que êsse modo de sentir foi cultivado pelas falsas circunstâncias e, assim, o instinto de possessividade não é verdadeiro instinto. Temos, pois, muitos instintos que foram falsamente estimulados e se dependerdes de outrem para vos mostrar a saída dêstes falsos padrões instintivos, então, entrareis numa outra gaiola; criareis um outro conjunto de padrões que, uma vez mais, vos perverterão. Ao passo que, se realmente examinardes cada instinto e não vos esforçades para vos identificar com êle, tentando, porém, descobrir o seu significado, provirá daí uma ação natural, espontânea, a verdadeira intuição.

Sabeis que tendes estado aqui a ouvir as minhas palestras, afortunada ou desafortunada-

mente, durante êstes últimos quatro ou cinco dias, e a simples audição delas nada vos dará, não vos dará sabedoria. O que proporciona sabedoria é a ação. A sabedoria não é cousa que se compre, nem que se obtenha das enciclopédias, ou da leitura de filosofias. Eu jamais li quaisquer filosofias. É somente pelo processo da ação que principiais a discernir o que é falso e o que é verdadeiro; e poucas pessoas estão alerta, ávidas pela ação. Elas quereriam, antes, sentar-se e discutir, ou comparecer a igrejas, criar mistérios tirados do nada, pois que suas mentes são indolentes, preguiçosas e, por detraz disto, está ainda o medo de ir contra a sociedade, contra a ordem estabelecida. Portanto, ouvir as minhas palestras ou ler o que tenho dito, não despertará a inteligência nem vos`conduzirá à verdade, a êste êxtase da vida que está em contínuo movimento. O que traz sabedoria é o aperecebimento de um dêstes embaraços e, depois, ação. Examinai, como disse, o impecilho do patriotismo ou o da crença, e começai a agir; verificareis a que profundeza, a que profundidade de pensamento isto vos conduzirá. Ireis muito além de qualquer teólogo teórico, mais longe do que qualquer filósofo; e, nessa ação, verificareis que tempo virá em que não procurareis um resultado para vossa ação, um fruto da vossa ação, porém será a própria ação, em si mesma, que terá

um significado. Assim como o cientista experimenta, e ao processo da experiência advem resultados, continuando êle a experimentar; do mesmo modo, no processo de experimentação, no processo de libertar a mente e o coração de impedimentos, surgirá, como resultado, a ação. Porém, o essencial é que haja êste contínuo movimento da mente e do coração. Se tôda a ação fôr, realmente, a expressão dêsse movimento, então a ação transforma-se numa nova sociedade, num novo ambiente, e, por essa forma, a sociedade não estará forçadamente se aproximando de nenhum ideal, porém, nessa ação, ela também se movimenta, jamais estará estática, jamais quieta, e a moral será, então, uma percepção voluntária e não forçada pelo medo ou externamente imposta pela sociedade ou pela religião.

Assim, gradualmente, neste processo de libertar a mente do que é falso, não há substituição do falso pelo verdadeiro, porém sòmente o verdadeiro. Então, não mais procurareis uma substituição, mas, no processo da descoberta do falso, libertais a mente para que se movimente, para que viva eternamente, e assim, a ação torna-se espontânea, uma cousa natural, tornando-se a vida não uma escola em que aprendamos a competir, a lutar, mas, uma cousa a ser vivida inteligentemente, supremamente, venturosamente. E semelhante vida é a vida de um ser humano consumado.

PALESTRA AOS INDUSTRIAIS E NEGOCIANTES EM AUCKLAND

(6 de abril de 1944)

Amigos:

Parece-me que a maioria dentre nós pensa que êste mundo seria maravilhoso se nele, de fato, não houvesse exploração e que seria esplêndido se todo o ser humano possuísse a capacidade de viver natural, plena e humanamente. Mas, poucos há que queiram fazer algo neste sentido. Como ideais, como uma Utopia, como um sonho, todos se deleitam nisto, porém mui poucos desejam ação. Não podeis produzir uma Utopia, nem pode haver o desaparecimento da exploração sem ação.

Ora, só pode haver ação, ação coletiva, se antes de tudo, houver pensamento individual sôbre êsse problema. Todo o ser humano, em momentos lúcidos, sente o horror da verdadeira exploração seja ela do sacerdote, do homem de ne-

gócios, do médico, do político ou de qualquer outra pessoa. Todos sentimos, realmente, em nossos corações, a apavorante crueldade da exploração, se pensarmos uns instantes sobre ela. E apesar disto, todos estamos colhidos nesta roda, nesse sistema de exploração e aguardamos, esperamos que, por um milagre qualquer, um novo sistema venha à existência. Assim, individualmente, sentimos que nada mais temos a fazer do que esperar, deixar que as cousas tomem seu curso natural, e que, por quaisquer meios extraordinários, surja um novo mundo. Seguramente, para criar uma coisa nova, um novo mundo, uma nova concepção da organização, os indivíduos precisam começar. Isto é, os homens de negócios, ou quem quer que seja, em particular, devem começar a descobrir se a sua ação está realmente baseada na exploração.

Agora, como eu disse, existe a exploração do padre baseada no medo, a do homem de negócios baseada no seu próprio engrandecimento, no acúmulo das riquezas, na cobiça, nas formas sutis de egoísmo e segurança; e como possivelmente todos vós aqui sois homens de negócios, seguramente, não podeis deixar de parte todos os problemas humanos e preocupar-vos unicamente com negócios. Finalmente, os homens de negócios são seres humanos, e, como tais, quando são explorados, devem ter, continuamente,

êste espírito de rebeldia. Sômente quando atingis certo nível, em que estais aproximadamente seguros, é que esqueceis tudo a respeito desta condição, esqueceis tudo o que se refere à transformação do mundo, ou à produção de uma certa atitude de ação espontânea em direção à vida. Por têmos atingido um certo estágio de segurança, esquecemos e sentimos que tudo está certo; porém, por detraz de tudo isso, podemos sentir que não pode haver felicidade, felicidade humana, enquanto existir a verdadeira exploração.

Ora, na minha opinião, a exploração manifesta-se quando os indivíduos buscam ter mais do que exigem as suas necessidades essenciais; e para descobrir quais as vossas necessidades é necessário uma grande dose de inteligência, mas não podeis ser inteligentes enquanto as vossas necessidades forem o resultado da perseguição da segurança, do conforto. Naturalmente, necessitamos de alimento, abrigo, vestuário, e tudo mais; porém, a fim de tornar estas cousas possíveis para todos, os indivíduos teem que começar a perceber quais são as suas próprias necessidades, as necessidades que são humanas, e organizar sobre elas todo o sistema de pensamento e ação, e sômente assim poderá haver verdadeira felicidade criativa no mundo.

Porém, que acontece agora? Lutamos, todo

o tempo, uns contra os outros, deslocando-nos uns aos outros; há uma contínua competição, em que cada um se sente inseguro, e, no entanto, continuamos arrastados, sem tomar uma definida atitude. Isto é, ao invés de esperarmos por um milagre que altere este sistema, é necessário que haja uma completa mutação revolucionária, cuja necessidade todos reconhecem.

Embora possamos temer ligeiramente uma revolução mundial, todos reconhecemos a imensa necessidade de uma mudança. E apesar disso, individualmente, somos incapazes de produzir essa mudança, porque, individualmente, não refletimos, não nos esforçamos, individualmente, por descobrir a razão da existência deste contínuo processo de exploração. Quando os indivíduos forem realmente inteligentes, criarão uma organização que proverá as necessidades essenciais da humanidade, não baseadas na exploração. Individualmente, não podemos viver separados da sociedade. A sociedade é o indivíduo e enquanto os indivíduos apenas buscarem continuamente a sua própria segurança, para si ou para suas famílias, tem que haver exploração.

E não pode haver verdadeira felicidade no mundo, se os indivíduos, como vós, tratarem dos assuntos do mundo, dos assuntos humanos, separadamente dos negócios. Isto é, se me é permitido dizê-lo, não podeis ter inclinações na-

cionalistas e ao mesmo tempo falar de liberdade de comércio. Não podeis considerar a Nova Zelândia como o país mais importante e repelir todos os outros países, por sentirdes, individualmente, a necessidade essencial da vossa própria segurança. Quer isto dizer, senhores, se me é permitido expô-lo dêste modo, que somente pode haver verdadeira liberdade de comércio, desenvolvimento das indústrias etc., quando não mais houver nacionalidades no mundo. Penso que isto é evidente. Enquanto houver muros tarifários protegendo cada país, haverá guerras, confusão e cáos; mas se fôssemos capazes de tratar todo o mundo, não dividido em nacionalidades, em classes, porém, como uma entidade humana; um mundo não dividido pelas seitas religiosas, pela classe capitalista e a classe trabalhadora, somente então haveria uma possibilidade de verdadeira liberdade no comércio, na cooperação. Para produzir isto, não podeis apenas pregar ou assistir a reuniões. Não pode haver apenas o simples gôso intelectual destas idéias, é preciso haver ação; e para produzir a ação temos que começar individualmente, embora possamos sofrer com isso. Precisamos começar a criar opinião inteligente, e, por êsse modo, teremos um mundo onde a individualidade não seja esmagada, amoldada a um padrão particular, mas, um meio de expressão da vida;

não essa forma comprimida, condicionada, que denominamos seres humanos. A maioria das pessoas deseja e percebe que é preciso haver uma completa mudança. Não vejo outra maneira para consegui-la, a não ser a de começarmos como indivíduos, e, então, o conceito individual tornar-se-á a realização da humanidade.

P e r g u n t a : Que significação inteligível, seja-me permitido perguntar, adstringis à idéia de um Deus masculino, tal como é postulado praticamente por todo o clero cristão e arbitrariamente imposto às massas, durante as eras obscuras do passado e até no presente momento? Um Deus, concebido como pertencente ao gênero masculino, deve, segundo todos os cânones da lógica sã, ser considerado como um objeto de preces, importunado e cultuado como uma personalidade. E um Deus pessoal — pessoal como nós, seres humanos, o somos — necessariamente, deve ser limitado em tempo, espaço, poder e propósito, e um Deus assim limitado não pode, de maneira alguma, ser Deus. Em face desta colossal imposição, arbitrariamente imposta às massas, não é de admirar que encontremos um mundo nas condições catastróficas em que êste se acha! Deus, pra ser Deus, tem que, em sensata e sã realidade, ser a absoluta e infinita

totalidade de tôda a existência, tanto negativa como positiva. Não é assim?

K r i s h n a m u r t i : Por que   senhor, que pretendeis saber se Deus   masculino ou feminino? Por que perguntamos? Por que tentamos verificar se existe Deus, se  le é pessoal, se   masculino? Não será isto porque sentimos a insuficiência de viver? Sentimos que se pudermos averiguar o que   esta imensa realidade, então poderemos modelar as nossas vidas de acôrdo com ela, assim, principiamos a preconceber o que deva ser essa realidade ou o que ela deveria ser, e moldamos essa realidade de acôrdo com as nossas fantasias e aspirações, de acôrdo com os nossos preconceitos e temperamentos. Assim, principiamos a construir uma série de contradições e oposições, uma idéia do que pensamos que Deus devia ser; e, para mim, tal Deus absolutamente não   Deus. É um meio humano de fuga das constantes batalhas da vida, dessa coisa que denominamos exploração, das inanidades da vida, da solidão, das tristezas. Nosso Deus é apenas um meio de evasão dessas coisas; ao passo que, para mim, existe algo muito mais fundamental e real. Eu digo que existe algo semelhante a Deus; não perguntemos o que isto é. Descobri-lo-eis se principiardes a realmente

compreender o próprio conflito que estrophia a mente e o coração; essa luta contínua pela auto-segurança, êsse horror da exploração, das guerras, das nacionalidades, e os absurdos da religião organizada. Se pudermos defrontar estas cousas e compreendê-las, então descobriremos, ao invés de especular, o real significado da vida, o real significado de Deus.

P e r g u n t a : Seguis Mahomet, ou o Cristo?

K r i s h n a m u r t i : Posso perguntar porque é que se deve seguir outrem? Afinal, a verdade ou Deus não se encontra imitando outrem; porque, assim, apenas nos transformamos em máquinas. Será, seguramente, uma necessidade para nós, seres humanos, pertencermos a uma seita qualquer, seja ela o mahometismo, o cristianismo, o hinduismo ou o budhismo? Se erigirdes uma pessoa como vosso Salvador ou como vosso guia, então, tem que haver exploração; deve haver a modelação do mundo, de conformidade com uma seita particular e estreita. Ao passo que, se realmente não estabelecermos ninguém como autoridade, mas se descobirmos, por nós mesmos, não obstante o que nos dizem, então realizaremos, algo que é permanente; po-

rém, meramente a atitude de seguir outrem não nos conduzirá a parte alguma. Suponho que todos sois cristãos e, portanto, dizeis ser seguidores do Cristo. Sois mesmo? Estarão os seres humanos, quer pertençam ao Cristianismo ao Mahometismo ou ao Budhismo, servindo realmente seus leaders? É impossível. Eles não o fazem. Portanto, por que vos denominais, a vós mesmos, com diferentes nomes e vos separais? Enquanto que, se realmente alterássemos o ambiente de que tanto nos temos tornado escravos, então seríamos realmente Deuses em nós mesmos, sem seguir ninguém. Pessoalmente, não pertenço a seita alguma, grande ou pequena. Encontrei a verdade. Deus ou o quer que lhe queirais chamar, porém não o posso transmitir a outrem. Podemos descobrir isto somente por meio da inteligência consumada e não pela imitação de certos princípios, de certas crenças e personagens.

P e r g u n t a : Existe uma força ou influência exterior conhecida como sendo o mal organizado?

K r i s h n a m u r t i : Existe? O moderno homem de negócios, o nacionalista, o seguidor de uma religião — chamo a tôda essa gente inales,

males organizados; porque, senhores, individualmente, nós mesmos criamos êsses horrores no mundo. Como vieram as religiões à existência, com o seu poder de cruelmente explorar o povo, mediante o temor? Como cresceram até se tornarem máquinas tão formidáveis? Criamo-las, individualmente, em virtude do temor do além. Não quero dizer que não exista o além: isto é coisa completamente diferente. Nós criamos essa máquina e dela estamos prisioneiros, e são somente uns poucos, muito raros, que conseguem romper com ela, e a tais pessoas chamais Cristo, Budha, Lenine ou X. Y. Z.

Então, há o mal da sociedade tal como ela é. É uma opressiva máquina organizada, para controlar os seres humanos. Vós pensais que se os seres humanos ficassem livres dela, tornar-se-iam perigosos, praticariam tôda sorte de horrores; por isso, dizeis: "Controlemo-los socialmente, por meio da tradição, da opinião, pela limitação da moral"; e economicamente há a mesma cousa. Assim, êstes males tornam-se gradualmente aceitos como normais e sãos. Certamente, é evidente como, mediante a educação, fazem adaptarmo-nos a um sistema em que jamais se pensa na vocação individual. Sois educados para vos adaptardes a um certo trabalho; e dêste modo criamos uma vida dual, durante a nossa existência: a dos negócios, das 10 às 5, ou cousa semelhante, a

qual nada tem a ver com a outra, e a nossa vida particular, social, no lar. Assim, vivemos, continuamente, em contradição, indo ocasionalmente à igreja, se vos interessa, para sustentar a moda, a evidência. Investigamos a realidade, investigamos sobre Deus nos momentos de angústia, de opressão, quando há uma derrocada. Dizemos: "deve haver uma realidade. Por que vivemos?" Assim, gradualmente, criamos em nossas vidas uma dualidade e, por isso, tornamo-nos tão hipócritas. Portanto, para mim, existe um mal. É o mal da exploração engendrada pelos indivíduos, em virtude da sua ansiedade pela auto-segurança, pela auto-conservação, a todo o custo, sem compreensão pelo conjunto dos seres humanos; e nisto não há afeto nem amor verdadeiro, porém, simplesmente, essa possessividade a que chamamos amor.

P e r g u n t a : Podereis dizer-nos como chegastes a êste grau de entendimento?

K r i s h n a m u r t i : Parece-me que isto tomaria muito tempo e seria muito pessoal. Antes de tudo, senhores, eu não sou um filósofo. Não sou estudante de filosofia. Penso que aquele que é meramente estudante de filosofia já está morto.

Tenho, porém, vivido com tôdas as espécies de pessoas, e fui educado, como talvez saibais, para preencher certa função, um certo cargo. Isto também significa "exploração". E fui também o chefe de uma formidável organização espalhada por todo o mundo, com propósitos espirituais; vi a ineficácia disto, porque é impossível conduzir os homens à verdade. Sòmente é possível torná-los inteligentes mediante a educação, que nada tem a ver com sacerdotes e seus meios de exploração — as cerimônias. Portanto, dissolvi essa organização; e, vivendo com as pessoas, não tendo uma idéia fixa acêrca da vida nem a mente atada por um determinado fundo tradicional, comecei a descobrir o que para mim é a verdade: a verdade para todos — uma vida que se pode viver sãmente, salutarmente, humanamente; vida não baseada na exploração mas nas necessidades. Sei o de que necessito, e isso não é muito, portanto, que trabalhe para isto cavando um jardim, palestrando ou escrevendo, isso não tem grande importância.

Em primeiro lugar, para descobrir qualquer coisa, é necessário haver grande descontentamento, grande investigação e, mesmo, infelicidade; e pouquíssimas pessoas no mundo, quando estão descontentes, desejam aumentar êsse descontentamento, passar por êle para descobrir. Geralmente, desejam o oposto. Se estão descon-

tentes, querem felicidade, enquanto que, para mim — se me é permitido ser pessoal — eu não pretendi o oposto. Quis descobrir; e assim, gradualmente, por meio de várias pesquisas e contínuos atritos, cheguei a realizar aquilo que se pode denominar verdade ou Deus. Espero ter respondido.

P e r g u n t a : Dizei-nos algo a respeito da vossa idéia do além.

K r i s h n a m u r t i : Não é isto extraordinário? Esta é, supostamente, uma reunião de industriais e comerciantes e estamos falando acêrca do além, de Deus e de tudo o mais. Isto indica que, os nossos negócios absolutamente não nos interessam; por êles nos interessamos meramente como um meio de ganhar dinheiro para viver; e nossos interêsses humanos estão divorciados da nossa vida quotidiana.

Agora, relativamente ao que está para além: Talvez tenhais lido o que alguns dos grandes cientistas na Europa estão dizendo: que existe a continuação após a morte. Alguns deles sustentam que existe uma continuação individual, outros, com igual ênfase, a negam. É bem evidente que existe uma espécie de continuidade,

quer seja um pensamento-forma da entidade que morre ou a expressão do pensamento cósmico, e assim por diante.

Descubramos agora, investiguemos o que denominamos individualidade. Quando fazemos a pergunta: “existe um além?” Por que a formulamos? Por que pretendeis saber se continuareis sendo o sr. X, depois de morto; ou pretendeis saber por que amáveis alguém profundamente e êsse alguém morreu. Portanto, averigüemos o que é esta cousa a que chamamos individualidade — isto é, meu irmão, minha esposa, meu filho, ou eu próprio; o que é ela? Quando falais acêrca do Sr. X, o que é êsse sr. X? Não é a forma, o nome, certos preconceitos, uma certa conta num banco, uma certa distinção de classe? Isto é, o Sr. X tornou-se o ponto focal desta condição social.

Espero estar explicando isto. Exporei, ainda, dêste modo: Um indivíduo qualquer, um vulgo, agora, tal qual é, nada mais representa do que o ponto focal do ambiente, da sociedade, da religião, dos preceitos de moral e das condições econômicas — como indivíduo comum, êle é isto; não é assim? Êste ponto focal com suas contradições, preconceitos, esperanças, desejos, temores, predileções e antipatias, constitui êsse conjunto a que chamamos um indivíduo, e que é o Sr. X. Ora, pretendemos saber se êsse Sr. X,

viverá no além. Há a possibilidade de que êle possa viver, porque vive agora. Mas, esperai um pouco. Isto tem importância? O que denominamos indivíduo nada mais é que o resultado do falso ambiente. O ponto focal do presente estado da individualidade é realmente falso, não é? Um homem vulgar tem que lutar neste mundo para viver. Tem de ser competidor, rude, e pertencer a certas classes da sociedade: a burguezia, a proletária, a capitalista; ou então pertencer a certas seitas religiosas chamadas por vários nomes: Cristianismo, Hinduismo, Budhismo e assim por diante. Certamente, êstes ambientes são falsos, visto que tenho de lutar rudemente contra o meu próximo para poder viver. Não há algo de deteriorado neste estado de coisas? Não há algo de anormal, em dividirmo-nos mediante distinções de classes? Não há algo de primitivo, rudimentar, quando nos denominamos cristãos, hindus, mahometanos, ou budhistas?

Portanto, os falsos ambientes criam atrito na mente e a mente se identifica com êsse conflito, identifica-se como sendo o Sr. X. Depois surge a pergunta: "que acontece? Viverei ou não?" Como digo, há uma possibilidade de que viva; porém, nesse viver não há felicidade, inteligência criativa, alegria na vida; é uma luta contínua. Ao passo que, se compreendermos o verdadeiro significado de todos êsses ambientes

impressos na mente — o ambiente social, o religioso, o econômico — por êsse modo libertando a mente do conflito, descobriremos que existe uma diferente unidade focal, uma individualidade inteiramente diferente; e eu afirmo que a individualidade é contínua; não é vossa nem minha. Esta individualidade é a eterna expressão da própria vida, e nela não há morte, não há começo nem fim; nela existe uma concepção mais ampla da vida. Ao passo que, nesta falsa individualidade deve haver morte, deve haver contínua inquirição sôbre se viverei ou não. O temor será contínuo; insistente, perseguidor.

P e r g u n t a : Pensaís que os sistemas sociais do muido evoluirão para um estado de fraternidade internacional, ou esta será produzida mediante uma instituição parlamentar, ou pela educação?

K r i s h n a m u r t i : Tal como está organizada a sociedade, não podereis ter uma fraternidade internacional. Não podeis permanecer neozelandês e eu hindu, e falar acêrca de fraternidade. Como pode haver verdadeira fraternidade se estais restritos pelas condições econômicas, pelo patriotismo, que é uma coisa tão

falsa? Isto é, como pode haver fraternidade se permanecerdes neo-zelandeses, apegados aos vossos peculiares preconceitos, aos vossos muros tarifários, ao vosso patriotismo e a tudo o mais, e continuando eu a ser hindu, vivendo na Índia, com meus preconceitos? Podemos falar sobre tolerância, deixando os outros em paz, eu mandando-vos missionários e vós mandando a mim os vossos missionários, porém, não pode haver fraternidade. Como pode haver fraternidade quando vós sois cristãos e eu hindu, quando sois guiados por sacerdotes e eu também, embora de maneira diferente, quando tendes uma forma de culto e eu outra? — não quer isto dizer, entretanto, que precisais ir à minha forma de culto ou que eu deva ir à vossa.

Portanto, tais como as cousas se acham, elas não produzirão a fraternidade. Ao contrário, há o nacionalismo, mais governos soberanos, que nada mais são que instrumentos de guerra. Portanto, as instituições sociais, tais quais existem, não podem evoluir para se tornar uma coisa magnificente, porque as suas próprias bases, o seu alicerce estão errados, e os vossos parlamentos, a vossa educação baseada nestas idéias, não produzirão a fraternidade. Olhai para tôdas as nossas nações. Que são elas? Nada mais que instrumentos de guerra. Cada nação é melhor do que a outra, cada nação bate a outra, inflamando

esta cousa falsa chamada patriotismo. Sim, gostais de certos países, certos países são mais belos do que outros, e vós os apreciáis. Gozais da sua beleza como gozais de um pôr-de-sol, seja aqui, na Europa ou na América. Nada há de nacionalismo, nem sentimento patriótico por detraz disto — vós simplesmente gozais. O patriotismo só aparece quando alguém começa a servir-se do vosso gôzo para um propósito definido. E como pode haver fraternidade real através do patriotismo, quando tôda a forma de governo está baseada nas distinções de classe, quando uma classe que tem tudo, governa outra que nada possui, ou manda ao parlamento representantes que nada têm? Seguramente, esta maneira de aproximação do estado humano, da unidade humana, é impossível. Isto é tão evidente que nem mesmo necessita de discussão.

Enquanto houver distinções de classe, desenvolvendo-se em nacionalidades, baseadas na exploração pela classe dos que possuem ou pela classe dos que têm os meios de produção em suas mãos, deve haver guerras; e por meio das guerras não obtereis a fraternidade. Isto é claro. Podeis observar isto na Europa, desde a grande guerra: mais sentimento nacional, mais bandeiras balouçando, paredes tarifárias mais elevadas. Isto, seguramente, não produzirá a fraternidade. Pode dar lugar à fraternidade, no sen-

tido de haver, prèviamente, uma catástrofe maior, e o povo despertarà dizendo: “por amor de Deus, despertemos e sejarnos sensatos”. Isso, eventualmente, pode chegar a produzir fraternidade; as nacionalidades, porém, não a produzirão mais do que as distinções religiosas, que estão realmente, se pensardes nisto, baseadas no egoismo refinado. Todos desejamos estar seguros no céu — seja êsse lugar o que fôr — salvos, seguros, certos, e, por isso, criamos instituições, organizações, para darem a certeza. A isto denominamos religiões e, assim aumentamos a exploração. Ao passo que, se realmente virmos a falsidade de tôdas essas cousas, percebendo isto, não apenas intelectualmente, porém, sentindo-o real e completamente, com a nossa mente e coração, então haverá uma possibilidade de fraternidade. Se percebermos tal falsidade e agirmos, então a nossa ação será verdadeira, voluntária, moral. Chamo ação verdadeira, moral, àquela que praticamos quando percebemos uma coisa completamente e agimos, e não quando criamos uma fraternidade forçados pelas circunstâncias ou uma fraternidade forçada pela crua e brutal necessidade de viver. Isto é, quando os homens de negócios, os capitalistas, os financistas, começarem a verificar que esta distinção não recompensa, que não podem ganhar mais dinheiro, que não podem permanecer na mesma posição, cria-

rão um ambiente que force o indivíduo a tornar-se fraternal; pela mesma forma porque atualmente sois forçados pelo ambiente a não ser fraternais e a explorar, assim também sereis forçados a cooperar. Certamente, isto não é fraternidade; isto é simplesmente uma ação determinada pelas conveniências, sem inteligência nem entendimento humanos.

Assim, para realmente trazer a inteligência humana à ação, os indivíduos precisam agir moral e voluntariamente, e então criarão uma instituição em que realmente sejam lutadores contra a exploração. Porém, isto exige uma grande dose de percepção, uma grande dose de ação inteligente e somente podeis iniciar isto por vós mesmos; só podeis cultivar o vosso próprio jardim e não o do vosso vizinho.

P e r g u n t a : Por favor, sêde leal. Ser-nos-á possível conhecer a verdade como vós a conheceis, cessar de explorar e permanecer, apesar disso, nos negócios, ou sugeriríeis que os abandonemos? Poderíeis ser comerciante e permanecer o que sois?

K r i s h n a m u r t i : Senhor, por favor, eu não estou tergiversando, serei perfeitamente leal. Tal como o sistema se acha organizado, a não

ser que vades para uma ilha deserta onde cozinheis e façais tôdas as coisas por vós mesmos, tem de haver exploração. Não é assim? É claro. Enquanto o sistema estiver baseado na competição individual, na segurança, na possessividade, tendo essas cousas como seus alicerces, tem que haver exploração. Não podereis, entretanto, libertar-vos dêsse alicerce pelo fato de não mais terdes mêdo, por haverdes descoberto quais as vossas necessidades essenciais, por serdes ricos em vós mesmos? Portanto, embora permaneçais nos negócios, verificareis que as vossas necessidades são mui poucas; ao passo que, se houver pobreza de mente e coração, vossas necessidades tornar-se-ão colossais. Porém, digo-vos novamente, a não ser que sejamos honestos, absolutamente francos e não nos enganemos a nós mesmos, sutilmente, o que eu disse pode ser utilizado para explorar ainda mais. Pessoalmente, não teria dúvida em entrar em negócios, mas, isso, para mim, não teria valor, porque não tenho necessidade de commerciar. Portanto, de que serve uma palestra teórica? Isto não quer dizer que eu possua dinheiro, mas eu faria qualquer cousa razoável, salutar, pois, minhas necessidades são muito poucas e não tenho mêdo de ser esmagado. Lutamos apenas quando há o temor de perder — o mêdo de perder a segurança, a conservação. Se, porém, estiverdes preparados

para perder tudo, por nada terdes — então não haverá exploração. Isto pode vos parecer ridículo, selvagem, absurdo, primitivo; se porém, realmente pensardes sobre este assunto sensatamente, se lhe derdes alguns minutos de vosso pensamento realmente criativo, vereis que não é tão absurdo como parece. É o selvagem que está continuamente à mercê dos seus desejos, não o homem de inteligência: Este não se apegava às cousas, pois, internamente, elle é supremamente rico; portanto, suas necessidades externas são diminutas. Seguramente, podemos organizar uma sociedade baseada nas necessidades essenciais e não nesta exploração intensificada por meio de anúncios. Espero, Senhor, ter respondido a vossa pergunta.

P e r g u n t a : Sem pretender explorar o orador, encaro-o como um dos maiores exemplificadores do altruismo filosófico, mas, gostaria muito que elle dissesse, nesta tarde, ao seu auditório, que crença tem no milênio ultimo, que, sem dúvida nenhuma, elle e toda a raça humana buscam.

K r i s h n a m u r t i : Senhor, termos um perfeito milênio, significa que o selvagem deva possuir tanta inteligência quanto qualquer outra

pessoa, e achar-se em tão perfeitas condições como qualquer outro. Isto é, todos os seres humanos vivendo no mundo, num momento preciso, ao mesmo tempo, teriam, todos, que ser felizes. É isto, certamente, o milênio, pois não é? É isto que entendemos quando dele falamos. Muito bem, Senhor, esperai um pouco. É isto possível? Seguramente não é possível. Pensamos que um milênio é o momento em que o ideal se realiza, quando a civilização alcançou seu mais alto pináculo. É semelhante a um ser humano que modela a sua vida segundo um certo ideal, e alcança as alturas. Que acontece a êsse ser humano? Passa a pretender alguma outra coisa, há um ideal mais para diante. Portanto, êle jamais alcança a culminância. Porém, quando um ser humano vive, não tentando atingir o êxito, alcançar as alturas, mas vive plenamente, humanamente, a todo o instante, então, sua ação, que deve ser refletida na sociedade, não atingirá um pináculo. Ela estará em contínuo movimento, portanto, crescendo, continuamente, e não esforçando-se para atingir uma culminância qualquer.

F I M